UNIVERSITAS

Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia
Publicação quadrimestral do Núcleo de Publicações do Centro Editorial e Didático da UFBa

ENDEREÇO POSTAL — Núcleo de Publicações, Centro Editorial e Didático da UFBa.
Parque Universitário da Federação — 40.000, Salvador/Bahia/Brasil.

UNIVERSITAS

Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia
N.os 12/13 maio/dezembro 1972

Sumário

A Bahia Intelectual (1900-1930)

1. INDICAÇÕES PRÉVIAS.

O presente texto é resultante das pesquisas que tivemos a oportunidade de empreender, como professor de disciplinas monográficas — metodológicas e investigatórias — na área de Sociologia do Conhecimento, no Curso de Mestrado em Ciências Humanas da UFBa. Durante três semestres, o primeiro dos quais ocupado num curso metodológico, e os dois seguintes em cursos investigatórios, entregamo-nos, com a participação dos estudantes graduados que compõem aquele curso, a pesquisar a vida intelectual nordestina e especialmente a baiana durante os trinta primeiros anos do século. Objetivamos testar metodologia empírica no âmbito da Sociologia do Conhecimento, metodologia elaborada originariamente para nossa tese de professor titular do Departamento de Sociologia, titulada *Estrutura Social da República das Letras* (*Sociologia da Vida Intelectual Brasileira* — 1870-1930) (1). A maior proximidade física e histórica do nosso novo tema contribuiu para maior empiricidade do estudo que, desta feita, não se restringiu às biografias escritas sobre os intelectuais do período, mas pôde valer-se também de outros recursos metodológicos, tais as entrevistas com sobreviventes do

período, viúvas, filhos e demais parentes dos intelectuais de então e a consulta direta de seus arquivos, além de aos jornais da época.

Diretamente pelo autor foram entrevistados quinze intelectuais que participaram por maior ou menor tempo da vida literária do período, e queremos deixar aqui os nossos agradecimentos a esses baianos ilustres que nos atenderam com nímia cordialidade e espírito de colaboração. Foram eles: Lafayette Spinola, Carlos Torres, Nogueira Passos, D. Alice Silva, Orlando Gomes, Karlos Weber, Estácio de Lima, Admar Guimarães, Nelson Oliveira, Alexandre Passos (através de questionário enviado pelo correio), Hélio Simões, José Calasans, Jorge Amado, Elpídio Bastos e D. Edith Mendes da Gama e Abreu. A outros quinze, enviamos solicitação análoga, mas não tivemos com eles a mesma sorte.

Outros muitos intelectuais locais foram entrevistados por estudantes do Mestrado, objetivando os assuntos monográficos de seus *papers*, que constituem não somente preciosa coleta de dados como já também de interpretações, coisas ambas de que nos haveríamos de valer em muitos pontos desse estudo (²).

Além dessas entrevistas vivas e do acesso a arquivos, revistas e jornais da época, a fonte principal de nossos dados encontra-se no formulário que elaboramos para aplicar às biografias escritas dos escritores do período, donde promanam os dados individualizados que nos permitiram a elaboração da visão quantitativa que os quadros resumem e os respectivos capítulos dessa pesquisa procuram analisar e compreender (³).

Solicitados a colaborar em número especial de *Universitas* que seria comemorativo dos trinta anos de vida de nossa Faculdade, entendemos que não caberia, de nossa parte, uma colaboração mais a propósito do que esta, que, além de resultar de pesquisas de seu Mestrado, pretende revelar como era a vida intelectual baiana antes que houvesse entre nós uma Faculdade de Filosofia. Dá-se por suposto que a função e o papel de nossa Faculdade se tornam patentes, quando analisamos um período da vida intelectual da Província em que ela fazia falta. Tal é, ao menos, a intenção reveladora deste ensaio nessa coletânea comemorativa.

2. PERÍODO E GERAÇÕES.

O período escolhido tem outra significação, além daquela de ser o que imediatamente antecede a criação de uma Faculdade de Filosofia entre nós. É a época de nossa *Bèlle Époque*, que, no país e na província, acompanha o século até a revolução de 1930, quando vem abaixo, com a chamada República Velha, todo um estilo de vida e de mundo. No Rio, o prefeito Pereira Passos modernizava a cidade com o famoso "bota abaixo", enquanto Oswaldo Cruz a

saneava. Na Bahia, análogo movimento modernizador foi vivido após o bombardeio de 1912, com o Governo Seabra, que realizou importantes obras públicas de modernização da velha Capital. A frase famosa de João do Rio — "O Rio civiliza-se" — podia, poucos anos depois, ser adaptada e repetida com relação a Salvador.

No plano cultural, a Faculdade de Medicina continuava como o polo de atração mais forte de toda nossa vida cultural. A fundação, nos fins do século passado, das Faculdades de Direito e de Engenharia viria dar maior substância ao movimento cultural estudantil, então bastante animado e significativo. No terreno artístico, a Escola de Belas Artes, o Liceu de Artes e Ofícios e o Instituto de Música representavam convenientemente os seus papéis. A vida teatral era animada pelas frequentes visitas das companhias líricas que se exibiam no Politeama, deixando nos espectadores e aficionados, até o presente, uma forte impressão, misto de saudade e exaltação.

No pensamento e nas letras, a vida baiana era agitada por movimentos intelectuais como o da Nova Cruzada, de fundo simbolista — talvez o mais vigoroso movimento intelectual baiano —, e pelas idéias naturalistas de professores como Almachio Diniz e Virgílio de Lemos, ambos já bacharéis da Bahia, que, de certo modo (um modo por vezes muito polêmico), continuavam a aprofundar o filão inaugurado por Leovigildo Filgueiras, que adquirira tais idéias na sua convivência com a Escola do Recife, aluno que fora de sua famosa faculdade.

Tudo isso dava ao intelectual baiano e às pessoas cultivadas de então a nítida impressão de que a Bahia era o "segundo centro cultural do País", como se pronunciou a respeito um dos mais competentes historiadores de nossas letras, em entrevista escrita que nos concedeu (4). É também essa a impressão dos jovens de então. Em depoimento também escrito, que nos proporcionou sobre o tema dessa pesquisa, o Prof. Orlando Gomes declara que, "a despeito dos vícios próprios da época", a sua impressão é de que, "para a Bahia, o período teve ponderável significação cultural, especialmente o da geração que foi jovem na década 20-30".

Quantas gerações intelectuais povoaram tal período? Não é fácil responder a questão. Entretanto, se tomamos o esquema da estrutura das gerações intelectuais brasileiras que, naquela nossa já citada tese, elaboramos para o período ali estudado (1870—1930) e em parte coincidente com o que aqui nos ocupa, temos a evidência de que pelo menos cinco gerações ocuparam a cena nos primeiros trinta anos do século nesta província. Ou melhor: pelo menos integrantes de cinco daquelas gerações estiveram vigentes na Bahia da época. Os mais velhos, como Carneiro Ribeiro e Virgilio Damásio, são coe-

tâncos de Tobias e Machado, integrando todos a mesma geração dos nascidos entre 1833 e 1847. Da seguinte (1848—62) são integrantes: Ruy Barbosa, Torquato Bahia, Luis Anselmo da Fonseca, Manoel Victorino, Eduardo Ramos, Amélia de Castro Alves, Anísio Circundes, Teodoro Sampaio, J.J. Seabra, Urbano Duarte, Ana Autran, Felinto Bastos, Borges dos Reis, Braz do Amaral, Lopes Rodrigues, Xavier Marques, Amélia Rodrigues, Constâncio Alves, Nina Rodrigues, que tiveram, em sua grande maioria, atuação destacada dentro dos marcos do nosso período. Na geração seguinte (1863-77), estão; Virgílio de Lemos, Sílio Bocanera Jr., Sílvio Deolindo Fróes, Alfredo Brito, Campos França, Ozéas dos Santos, Cardoso de Oliveira, Pinheiro Viegas, Lulu Parola, Arlindo Fragoso, o Pe. Cabral, José Petitinga, Gonçalo Moniz, Henrique Câncio, Juliano Moreira, Pirajá da Silva, Eduardo Spinola, Garcês Fróes, Antonio Moniz, Roberto Correia, Afrânio Peixoto, Pinto de Carvalho, Aurelino Leal, Carlos Ribeiro. Essas duas compõem o quadro das gerações vigentes nos começos do período. As duas seguintes são as dos que somente vão lograr a vigência intelectual ou já para os fins do período ou, muitos deles, após o período e até os nossos dias. A primeira é a dos nascidos entre 1878—92, que nos parece a geração decisiva para a vida do período, pelo menos dos meados para os fins, e até após, por conter elementos que poderiam ser considerados os epônimos de sua geração em diversos âmbitos culturais: Chiacchio nas letras, Bernardino de Souza nos empreendimentos culturais, Octávio Mangabeira na política e Simões Filho no jornalismo. Integraram ainda essa geração excepcional: Miguel Calmon, Carneiro Ribeiro Filho, Francisco Mangabeira, Artur de Salles, Vasconcellos de Queirós, Almachio Diniz, Clementino Fraga, Artur Neiva, Álvaro Reis, José Cirilo das Chagas, Jacinto Costa, Eufrosina de Miranda, Moniz Sodré, Borges de Barros, Galdino de Castro, Oscar Freire, Prado Valladares, Durval de Moraes, Gelásio de Faria, Manços Chastinet Contreiras, Alberto Moreira Rabello, Fernando Caldas, Alfredo Pimentel, Melésio de Paula, Antônio Viana, Afonso Costa, Anisio Melhor, Epaminondas Berbert de Castro, Homero Pires, Eurícles de Matos, Isaías Alves, Afonso de Castro Rebelo Filho, Alberto de Assis, Cristiano Müller, Mons. Ápio Silva, Wanderley de Pinho, Alberto Valença, Deraldo Neville, Astério de Campos, Barros Barreto, Sabino Silva e tantos outros.

A geração que apenas acordava para a vida intelectual durante o período constitui-se dos nascidos entre 1893 e 1907. Integram-na: Altamirando Requião, Afonso Ruy, Anfrísia Santiago, Paiva Marques, Simas Saraiva, Deraldo Dias, Eduardo Tourinho, Magalhães Neto, Eugênio Gomes, Francisco de Matos, Hermano Santana, Anísio Teixeira, Aloísio de Carvalho Filho, Rafael Bar-

bosa, Pedro Calmon, Artur Ramos, Jerônimo Sodré Viana, Nestor Duarte e tantos mais, muitos ainda hoje vivos e atuantes.

Embora não nos vamos deter aqui em maiores considerações sobre as relações intergeneracionais, inclusive os possíveis choques generacionais, àquela época bem mais camuflados de que após a revelação do *generational gap*, já hoje uma expressão comum no linguajar das pessoas de relativa cultura, vale a pena deixar aqui esboçado essa estruturação generacional como parâmetros que certamente irão iluminar certos aspectos do interrelacionamento humano da vida intelectual de nossa *bèlle époque*. Tal estruturação terá aqui, certamente, função análoga à das coordenadas geográficas numa carta, algo que, para o leigo, parece como que supérfluo ou até embaraçante de uma visão mais nítida do mapa com todos os seus acidentes, mas que, para o iniciado, é uma bitola em cuja falta ele não saberia como ater-se em relação ao mapa, então transformado em simples mosaico de manchas coloridas sem mais precisa significação ([5]).

Adiante quer de maneira explícita ou, talvez, implícita, teremos certamente necessidade de fazer menção a essa estruturação etária da chamada "República das Letras" para um melhor entendimento dos processos humanos que ali iremos analisar.

3. TIPOLOGIA INTELECTUAL

Em *Estrutura Social da República das Letras*, tivemos oportunidade de discutir teoricamente o tema das tipologias intelectuais, verificando, inclusive a impossibilidade de uma aplicação exata e conveniente das tipologias clássicas já elaboradas, ao nosso tema então constituído da vida intelectual brasileira. Não parece que a siatuação se modifique bastante se passamos do País à província. Daí que nos pareça perfeitamente aplicável à Bahia do período a tipologia que ali elaboramos tendo em vista o Brasil de 1870 a 1930.

Os critérios classificatórios da tipologia ali elaborada eram os seguintes: a) o ecológico; b) o comportamento social; c) o comportamento político; b) a sensibilidade social; e) a capacidade de agregação social; f) o êxito sócio-literário; g) o grau de especialização intelectual. E a propósito de cada um desses critérios classificatórios, encontrávamos sempre uma dicotomia tipológica que já podemos agora exemplificar com o nosso universo presente, ou seja: os intelectuais da Bahia em nosso período.

Com base no critério ecológico, teremos escritores nacionais, como um Rui Barbosa ou um Afrânio Peixoto, e escritores ou intelectuais cuja significação não foi além da nossa província, como seria a grande maioria dos pouco acima mencionados. No caso,

importam mais esses segundos, porque aqui se desenrolou toda sua vida intelectual, enquanto os primeiros apenas nos ocuparão como modelos de vigência que se souberam impor aos confrades da província natal e que, por esse caminho, sempre tiveram alguma influência aqui.

Embora o comportamento social permitisse numerosas dicotomias, aqui nos interessa mais a que pode dividir os intelectuais entre os boêmios e os outros, mais ou menos bem comportados trabalhadores e pais de família. Entre os primeiros, formavam Pinheiro Viegas e seu grupo da Baixinha, e os casos famosos de incorrigíveis boêmios como Rodrigo Gesteira, João Paulino Short, Afonso Liguori de Macedo e Álvaro Ruy, até os boêmios circunstanciais do Café das Meninas e do Largo do Teatro, onde figuravam habitualmente os integrantes do grupo de Chiacchio. Numa situação muito especial, o lente catedrático da Faculdade de Medicina, figura imponente de médico famoso, mas também fervoroso devoto de Baco, que foi o Dr. Frederico de Castro Rebello. Os demais ou tinham figurado eventualmente em grupos boêmios na idade jovem, ou levavam a vida tradicional e austera das "pessoas de prol" na província.

O comportamento político permite classificar os intelectuais em interessados e atuantes, ou desinteressados e aparentemente indiferentes. Políticos e a-políticos, pois. Rui, Mangabeira, Seabra, Simões Filho são exemplos do primeiro tipo. Carneiro Ribeiro, Presciliano Silva, Nina Rodrigues, Pedro Kilkerry são exemplares do segundo. Numa situação intermediária, tendendo mais para uma participação política mais ou menos eventual ou de circunstância, estão todos ou quase todos os outros, de que Xavier Marques seria um caso exemplar. Homem de letras típico, não pôde ou não quis evitar uma eventual participação política, tendo chegado inclusive à Câmara Federal, como que a comprovar a observação já por muitos feita, de que a vida intelectual baiana tende a completar-se por uma atividade política, se possível representada por um mandato legislativo ou executivo (6).

A sensibilidade social divide os intelectuais em sintônicos e distônicos, conforme sua capacidade de viverem imantados pelas idéias, valores e modismos de sua época, ou não. Bernardino de Souza, Isaías Alves e Anísio Teixeira, para não falarmos dos políticos, que o são por profissão, eram três tipos sintônicos. Pedro Kilkerry, Nina Rodrigues e, de certo modo, Cassiano da França Gomes eram tipos que não sintonizavam muito bem com os valores, idéias e modismos de seu tempo e de seu meio.

A capacidade maior ou menor de agregação social pode fazer-nos a distinção entre os gremiais e os isolacionistas. Líderes gremiais foram Chiacchio e Viegas, chefes de grupos. Também Virgílio de Lemos. Não há entre nós caso de isolacionismo anti-gremial que

seja notório, mas temperamentos como os de Prado Valladares e Almachio Diniz muito contribuíram para que o primeiro morresse isolado e o segundo até hoje não seja autor muito citado, apesar de sua fantástica produção escrita...

O êxito social cria estrelas e vedetes por um lado, distinguindo-os, por outro, da massa mais ou menos amorfa dos obscuros. Altamirando Requião foi, no período, uma das mais notórias vigências intelectuais. No mesmo período, Pedro Kilkerry, hoje redescoberto e sendo objeto de uma justa revalorização, era apenas um obscuro.

Monógrafos e polígrafos são os tipos extremos de uma classificação dos escritores, conforme maior ou menor especialização de sua produção cultural. Entre nós — e isso vai ser objeto de estudo mais detido no item relativo à profissão —, predominaram os polígrafos, como Almachio Diniz, Arlindo Fragoso e Afrânio Peixoto. Os raros monógrafos eram, geralmente, médicos, profissão que era a única cujos representantes se costumava então rotular de cientistas. Tal era o caso de um Alfredo Brito e um Oscar Freire. Outros havia que eram monógrafos quanto ao ramo do saber que cultivavam, embora se tenha notícia de haverem também cultivado letras ou artes.

Uma descrição dos tipos intelectuais, mesmo em forma esquemática, não se poderia completar sem referência aos mecenas e anfitriões, por vezes intelectuais, por vezes não, mas que, entretanto, sempre têm um papel considerável nas interrelações humanas entre intelectuais.

Entre nós, parece ter predominado o mecenas intelectual que, não sendo rico, na maioria das vezes, era antes um animador de vocações e aglutinador de talentos do que, propriamente, um mecenas no sentido clássico (7). Caso típico dessa hipótese foi o de Carlos Chiacchio, que reunia em torno de si os jovens talentos literários e artísticos da época. Também intelectual, o ainda jovem Pinto de Aguiar parece que contribuía bastante para o financiamento de *Arco e Flexa*. Intelectual e homem do poder, Arlindo Fragoso contribuiu enormemente para a fundação da Academia de Letras da Bahia, que, para homenageá-lo, após haver esquecido o seu nome quando da eleição dos primeiros quarenta imortais, teve de criar uma quadragésima primeira cadeira de caráter provisório para acolher entre os membros do ilustre sodalício ao grande benfeitor da instituição. Misto de empresário e homem de letras, Karlos Weber foi patrocinador financeiro de numerosas associações culturais e revistas, desde *A Nova Cruzada, Os Anais, A Cultura Alemã, A Bahia Nova* ao Ateneu Moniz Barreto. Não só contribuía como organizava financeiramente as associações literárias de que fazia parte, constituindo-se, por vezes, em temível cobrador de contri-

buições de que, certa feita, os jovens Otávio Mangabeira, Artur de Sales e Roberto Correia tiveram de fugir, concluindo às pressas uma boa prosa à frente da Prefeitura, quando Weber se aproximava do local, pois não estavam em condições financeiras de pagar a mensalidade atrasada, de cinco mil réis, devida como contribuição à *Nova Cruzada*.

Maneka Pedreira é também apontado por Admar Guimarães como um mecenas-anfitrião em Nazaré das Farinhas, entre os anos 20 e 30 do nosso século.

Há animadores culturais que são mais anfitriões do que propriamente mecenas. Pethion de Villar reunia, em seu nobre sobrado de S. Pedro, um grupo seleto de homens de letras e artistas. Outro tanto fazia o médico Gustavo dos Santos em seu salão à Rua Carlos Gomes, famoso centro artístico-musical onde havia dois pianos de cauda. Também Pinto de Carvalho recebia artistas em sua residência, antes nas Mercês e, após, no Porto da Barra. Outro tanto ocorria com Joaquim Gama, na Vitória, onde também brilhava o salão de D. Julinha Galeno Ferreira. Um salão curioso era o que Oscar Freire reunia no Instituto Nina Rodrigues. Segundo depoimento do Prof. Estácio de Lima, ali se reuniam à tardinha para o que hoje se chamaria uma "batida", além de vários estudantes, também os intelectuais da terra: Artur de Salles, Álvaro Reis, Roberto Correia, Armando de Campos, Almir Oliveira e o próprio informante. Outro salão do mesmo espírito reunia-se no Hospital Santa Isabel sob a égide do Pe. Barros. Eram figuras destacadas desse salão dos intervalos do trabalho Carlos Ribeiro e Clementino Fraga, além do próprio Estácio de Lima, que, por sua vez, manteve o salão do Instituto Nina Rodrigues quando Oscar Freire mudou-se para S. Paulo.

Também essa tipologia intelectual, agora completada com a referência a mecenas e anfitriões como figuras aglutinadoras da vida intelectual, tem o caráter de parâmetros necessários que irão como que quadricular a vida intelectual da época para melhor compreensão sociológica dos processos a serem adiante analisados ([8]).

4. A ECOLOGIA INTELECTUAL BAIANA

4.1 — *A Europa e o Estrangeiro* — Tal como acontecia não só no Brasil, mas em regra geral na América Latina e demais países de formação colonial, a influência européia — particularmente a francesa — era aqui também avassaladora. Os nossos informantes foram unânimes em apontar na vida intelectual baiana de então a presença marcante da Europa e em especial da França. Também

os autores portugueses, sua língua e estilo, tiveram aqui a mais sólida vigência. Victor Hugo, Zola e Anatole parece terem sido os autores mais em voga entre os franceses, informa Estácio de Lima. Franceses eram os livros didáticos até no curso secundário. Também na Faculdade de Medicina. Também eram franceses, integrantes da "Bibliotèque du Conducteur de Travaux Publiques", os livros pelos quais estudou o engenheiro Nogueira Passos. Tudo, aliás, era francês, acrescenta o mesmo informante: "sapatos, gravatas, talheres...". Não menos franceses, e ainda não traduzidos, eram os livros didáticos de Carlos Torres, em seu bem amado Ginásio da Bahia. E Lulu Parola observava que os nossos poetas cantavam maio como como sendo a primavera, simplesmente porque assim era na Europa, para em seguida justificá-los tirando do mote um efeito humorístico que era o seu forte: "Sendo, entretanto, mês de Maria, não vai mal nisto. Porque Maria, sendo Árvore, cuja sombra a todos acolhe, em toda a parte, é a Eterna Primavera na terra inteira..." (9).

Tal era a presença da cultura literária francesa que, segundo vários depoimentos, um ilustre professor de prosaica disciplina especializada em nossa Faculdade de Direito costumava ocupar todo o período de suas aulas para recitar Vitor Hugo e dissertar, exaltado, sobre a história da França, com grande sucesso entre os alunos.

Os músicos, além de Paris, também eram atraídos pela Itália e também a Alemanha, informa D. Alice Silva.

A formação religiosa também era francesa, pois eram franceses os padres lazaristas que dirigiam o Seminário de Santa Tereza. Ali, — informa o Mons. Ápio Silva — os alunos do segundo ciclo do secundário eram obrigados a falar em francês com o professor da matéria, mesmo nas horas de recreio, e também eram franceses os autores de teologia. "Quem não ia à Europa, sobretudo à França, não era filho de Deus", informa, com ironia, o velho prelado que ao voltar de lá trouxera uma pesada mala de livros franceses.

A Revista do *Grêmio Literário da Bahia* tinha várias secções internacionais, a "Crônica de Berlim" de Franz von Walter, a "Carta de Paris" envolvendo por vezes correspondência literária de escritores franceses com o nosso Pethion de Villar, e até uma "Carta de S. Petersburgo", também de correspondência russa com o mesmo poeta simbolista.

Não era, pois, sem razão que a revista se rotulava de "Internacional — Eclética — Independente". Sobretudo internacional. E isso era muito do *bon ton* cultural de então.

Mesmo quem assumia — como Lulu Parola em seu diário — uma atitude sarcástica em face dessa nossa paixão européia e até um vigilante nacionalismo em face da "América do Mundo, perdão, quero dizer a América do Norte", a respeito da qual ele se

confessava muito interessado por que "sempre é bom a gente saber tudo a respeito das pessoas com que vai morar...", mesmo esse neto espiritual de Gregório de Matos, se ironiza Paris, é ainda exaltando, ainda que o faça em seu peculiar estilo desabusado e irreverente: "Muita gente, por exemplo, não come caruru; e, no entanto, eu acho que é só o que falta a Paris, para lhe não faltar mais nada" (10).

De Portugal, a maior influência era a de Eça, informa Jorge Amado, ao menos no que diz respeito à sua geração, que já aparece nos fins do período. Gerações anteriores devem ter tido outros ídolos entre os clássicos e românticos portugueses, já que o predomínio dos padrões lingüísticos e literários de Portugal, que vigia no País até o movimento modernista, prolonga-se na província ainda bem mais além.

4.2. — *A Presença do Rio.* — "Depois do Rio tudo é província", comentou a esse respeito o Poeta Elpídio Bastos, citando Luís Jardim. E concluiu: "Nós somos platéia, caixa de ressonância. Até hoje o Rio é a capital da República das Letras" (11).

Se assim falou o poeta, homem capaz de arrebatamentos, o jurista raciocinador e controlado não teve opinião diversa. À nossa questão sobre a influência cultural do Rio, o Prof. Orlando Gomes respondeu por escrito: "A de toda Corte sobre as províncias".

Já o Prof. Admar Guimarães distoa dessa unanimidade, entendendo que a grande influência do Rio era nas modas, mas no plano intelectual essa influência era pequena.

O prof. Estácio de Lima lembra que tal influência era significativa na boêmia intelectual do tempo.

O engenheiro Nogueira Passos, apesar de ir muitas vezes ao Rio, nega-lhe maior influência. Também Carlos Torres está entre os que não viam maior influência carioca em nosso meio intelectual, contraditando a opinião dominante, que é também a de Jorge Amado, Lafayette Spinola, D. Alice Silva, Mons. Ápio Silva, Alexandre Passos e tantos mais.

No que parece não haver discordância é na atração que o Rio exercia sobre os intelectuais da província, ora para lamentá-lo como sangria cultural desta, ora para elogiar os emigrados como vitoriosos.

Acácio França, na obra polêmica titulada *Escorcha de um Cabotino*, afirma que "no Rio, avultam, vitoriosos, cientistas, literatos ou jornalistas, como Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Constâncios Alves, Leão Velloso, Miguel Calmon, Moniz Sodré, Eurico de Goes, Almachio Diniz, Fábio Luz, Eduardo Espínola, Paulo Filho, Astério de Campos, Rafael Pinheiro, Eurícles de Matos, Lemos Brito, Renato Almeida, Elpídio de Mesquita, Pedro Calmon, Octa-

vio Mangabeira, Durval de Moraes, Hermes Lima, além de outros, todos baianos" ([12]).

Antes disso, já Almachio Diniz, que depois também para lá emigrou, falava do Rio como o local "para onde convergem os talentos de todo o País, como da Bahia, entre outros os Srs. Ruy Barbosa, Afrânio Peixoto, Fábio Luz, Mendes de Aguiar, Henrique de Casaes, Eurícles de Matos"... ([13]).

E não se pode dizer que as coisas tenham mudado muito, a esse respeito, até os nossos dias, quando, apesar de uma certa descentralização cultural de caráter predominantemente universitário, o Rio mantém ainda muito de sua antiga atração.

Quanto à influência de outras capitais brasileiras, como, por exemplo, S. Paulo e Recife, sedes das duas primeiras faculdades de Direito, é opinião praticamente unânime dos informantes que já decrescia consideravelmente a significação da influência da Faculdade de Direito do Recife, em particular após 1891, quando se funda a Faculdade Livre de Direito da Bahia. E, quanto a S. Paulo, nunca foi notável a sua influência entre nós, apesar de Ruy e Castro Alves também lá terem estudado.

A grande influência baiana era a da Faculdade de Medicina, que atraía nordestinos e também paulistas, que passavam a viver na Boa Terra durante pelo menos o tempo de estudantes. Ela continuava, com certeza, a mais prestigiosa instituição cultural da Bahia na época, merecendo, por isso, estudo mais aprofundado. Por força de sua atração sobre os jovens nordestinos e mesmo do sul, a paisagem social baiana coloriu-se de uma nota jovial através das repúblicas de estudantes que geralmente reuniam estudantes da mesma procedência: aqui a república dos cearenses, ali a dos pernambucanos, adiante as dos maranhenses, a dos alagoanos, a dos sergipanos e, também, a dos paulistas... A presença desses jovens de elite iria fazer com que a cultura baiana tão altamente representada em todos os seus aspectos na velha Faculdade do Terreiro de Jesus repercutisse em longínquos rincões do País, através do retorno desses estudantes que haviam vivido a Bahia como "a doce Coimbra" de suas juventudes ([14]).

4.3. — *Salvador e outros centros* — Salvador não atraía apenas os estudantes "do norte" e de outros pontos do país. Era também o grande centro de atração para quantos, no Interior do Estado, tinham pretensões intelectuais, mesmo as mais elementares, que apenas incluíssem a educação secundária e, tanto mais, a superior.

Aliás, Salvador fazia como que uma pré-seleção dos talentos. Não pode ter sido por acaso que, dos nossos 80 "entrevistados", isto é, dos 80 intelectuais do período cujas biografias estudamos mais

detidamente, 34 já tivessem nascido em Salvador. Sociologicamente, esse índice de 42,5% revela que nascer em Salvador já era quase meio caminho andado para chegar ao posto social de intelectual.

Dos oitenta, sessenta e sete aqui viveram a maior parte de suas vidas, isto é: 83,73%. E aqui vieram morrer ou aqui morreram quarenta e dois deles, ou seja, 52,5%.

A predominância da localização de suas atividades intelectuais em Salvador fica patente se observarmos que setenta deles tiveram aqui seus livros publicados, e nem todos os oitenta chegaram a publicar em forma de livro; poucos, os que editaram fora — Rio, S. Paulo, Portugal, Paris —, sendo que todos esses que publicaram alhures, também aqui editaram, salvo Ana Autran, que não chegou a publicar em forma de livro, mas colaborou na imprensa portuguesa, Eduardo Ramos, que viveu predominantemente no Rio, onde editou seus livros, e Anísio Teixeira, cuja fase de maior produção intelectual ocorreu após sua emigração para o Rio, onde se tornou figura internacional.

Também em matéria de viagens, não foi muito grande o afastamento de Salvador. A vida era então bem mais sedentária. Trinta e três de nossos oitenta "entrevistados" conheceram o Rio, vinte visitaram a Europa, quatro dos quais somente Portugal; e dos Estados Brasileiros, os mais visitados foram S. Paulo, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Maranhão e Minas. Somente sete conheceram outros países da América Latina, e apenas cinco, os Estados Unidos, a maioria dos quais após 1930.

Apesar do domínio cultural de Salvador com seus ginásios, sua Escola Normal ,suas faculdades, sua Academia de Letras, sua Escola de Belas Artes, seu Instituto de Música, algumas cidades do Interior deram notas de vida literária de certa pujança.

Valença, que nos fins do século passado dera tantos nomes ilustres à cultura baiana e até à nacional, continuava, nos princípios deste século, a manter certa vida intelectual, segundo depoimento de Admar Guimarães.

Em Alagoinhas, Elpídio Bastos nos indicou a presença de um grupo composto de Umbelino Viegas (tio de Pinheiro Viegas), Aristóteles de Andrade Silva, Pedro de Oliveira Santos e outros. O mesmo informante mencionou também Bonfim e Cachoeira como núcleos de certa vida literária.

Cachoeira, também mencionada nas entrevistas de Nogueira Passos e Ápio Silva, é objeto de larga menção no depoimento escrito de Alexandre Passos, onde se refere também os outros centros culturais do interior no período. De Cachoeira fala-nos de "seu periódico *A Ordem*, que lançou homens-de-letras, cujo mérito transpôs a terra natal para ser reconhecido em todo o Brasil. Sirvam de exemplo cada um destes nomes: M. Paulo Filho, Alberto Rabelo e

os irmãos Astério e Sabino de Campos". E continua o seu depoimento: "As cidades e vilas, que possuem imprensa, não esqueciam os grupos literários. No caso, Nazaré, Valença, Alagoinhas, Santo Antonio de Jesus, centro de ótimos charadistas; Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Serrinha, Amargosa, dentre outros municípios".

É verdade que grande parte das associações e grêmios literários do Interior eram mais de consumo que de produção literária como bem o observa Almachio Diniz:

"Inúmeras outras associações, mais de consumo literário do que de produção, estão largamente espalhadas por todos os centros da Bahia, tais como Jaguaripe, Juazeiro, Maragogipe, Nazaré, Cachoeira, etc. Isto quer dizer que, na Bahia, quando se produza pouco, muito se consome, literariamente" ([15]).

Mais recentemente, Conquista, com sua Ala das Letras presidida pelo poeta Camilo de Jesus Lima, parece ter cobrado certa preeminência ([16]).

Mas nenhuma de nossas cidades interioranas jamais pretendeu disputar a Salvador o posto hegemônico, que sempre lhe coube em matéria cultural. A Capital, então e ainda hoje confundida com o Estado até no nome de Bahia, com que geralmente a designamos, já era então a grande *ágora* da cultura baiana, se é que não se pode dizer que, no sentido mais amplo da expressão, a chamada cultura baiana é um produto de Salvador e seu Recôncavo.

5. PROFISSÃO E VOCAÇÃO

"— Não. Ninguém", foi a resposta unânime de todos os nossos informantes à questão sobre se havia alguém, na época, que tivesse podido viver da profissão das Letras. Nesse ponto, não houve a menor dissensão; ao contrário, os que iam mais além da curta e crua negativa era ainda para melhor positivar a situação extraprofissional da atividade intelectual entre nós.

Neta, filha, sobrinha e esposa de intelectuais ilustres, D. Alice Silva, viúva de Presciliano, esclarece: "Se pintor e músico não podiam viver da atividade intelectual, quanto mais o escritor!... Lopes Rodrigues só vendeu quadros após a morte. Até clínica era gratuita. Não havia consultório".

Espírito de epigramista, Lafayette Spinola, além de responder negativamente ao mesmo quesito de nosso roteiro de entrevista, ainda acrescenta: "Muitos deixaram de ganhar devido às Letras. Exemplos: Artur de Sales; Chiacchio que pagava suas próprias edições."

Também os historiadores literários da época são de igual opinião: "Ainda não se pode viver diretamente das Letras no Brasil",

comentava Alexandre Passos, em 1940, em seu ensaio sobre as *Letras Baianas* ([17]).

Escritor da época, Astério de Campos revela o mecanismo editorial de então, que ainda desconhecia a instituição dos direitos autorais pagos em dinheiro: "O livro que surde no mostruário das livrarias, neste momento, obra de ficção, literária, de escritor nosso, ou foi editado por conta própria, ou por algum livreiro a troco de alguns exemplares, que não chegam, afinal, para o oferecimento à imprensa, nem para os amigos e confrades" ([18]).

A própria atividade jornalística, que seria então a única maneira de ganhar algo da pena, não era pintada com cores mais róseas pelo mesmo autor: "Num País como o nosso, o mesmo jornalista, que conta com o favor do público, distraindo para se iludir a si próprio, fazendo rir os outros quando consigo está agoniando de tristezas mortais; o mesmo jornalista corre perigo de andar de botas cambadas, e de morrer de fome!" ([19]).

A inexistência da profissão intelectual no sentido restrito fazia com que o homem-de-letras, de ciência ou de pensamento tivesse de encontrar um enquadramento profissional que de todo não contrariasse sua vocação .A burocracia, o magistério público ou privado em seus vários níveis e o jornalismo, preferencialmente o literário ou de idéias, foram os enquadramentos profissionais preferidos pelos intelectuais do período.

Dos nossos oitenta "entrevistados", trinta e sete (46,25%) exerceram função pública; o magistério público e privado, em seus vários níveis, ocupou as vidas de sessenta deles (75% do total); o jornalismo foi atividade principal ou secundária, permanente ou acidental de quarenta e oito deles (60% do conjunto), embora em muitos casos não fosse propriamente uma profissão, mas uma vocação e uma afirmação; e as profissões liberais, sobretudo médicas e jurídicas, foram exercidas por trinta deles (37,5%).

Raros (apenas cinco) os que exerceram uma só profissão, ou melhor, aqueles a respeito dos quais somente temos notícias a respeito de uma única profissão exercida.

A burocracia, então pouco trabalhosa, tinha evidente atrativo para quem queria dedicar-se ao Pensamento ou às Letras. A vida material estabilizada e pouca ocupação no trabalho davam a base material e a espiritual para o cultivo de uma vocação literária ou artística.

O magistério trazia a vantagem de já ser uma atividade intelectual, embora por vezes elementar e bem abaixo do nível merecido, no caso de poetas como Artur de Sales e Roberto Correa, que eram professores primários. Já o magistério secundário de então, como um autêntico ensino de elite, poderia proporcionar a plena reali-

zação intelectual de escritores, artistas e pensadores. A Escola Normal e o Ginásio da Bahia — de concursos tão famosos e tão disputados — eram, juntos, a faculdade de filosofia que não tínhamos. Análoga função exercia, na época, o Pedro II, no Rio.

O magistério superior, especialmente se na Faculdade de Medicina, era o ápice de uma carreira intelectual. As faculdades particulares, como a de Direito e a Politécnica, embora dessem muito prestígio, não remuneravam suficientemente, envolvendo, no comum, outras atividades liberais, jornalísticas e no magistério público secundário, o que, aliás, também ocorria com muitos dos ilustres lentes catedráticos da Faculdade de Medicina.

Não eram, então, como ainda hoje, as mais condizentes com as responsabilidades do cargo, as condições de vida que o magistério poderia proporcionar. Já em 1940, o ilustrado professor Vasconcellos de Queiroz, lente catedrático do Ginásio da Bahia, diz a tradição que de improviso — como tanto agradava ao gosto da terra —, elaborou com espírito e ironia esse "Pelo Sinal do Professor", que fala por si tão eloquentemente da situação econômica da classe.

PELO SINAL DO PROFESSOR

Distingue-se o professor,
de modo mais evidente
onde quer que se apresente,
pelo sinal:

Sempre queixoso do atraso
nas folhas de pagamento...
(Do seu perene lamento
livre-nos Deus!).

Quando avista um companheiro,
sorri, compassivo, e diz:
— ali vai um infeliz
(dos nossos...

Não aprecia uma festa,
Um cinema, um recital:
— só tem vida social,
em nome

E neste andar ,oscilando
entre um aperto e um apúro,
como cuidar do futuro
do filho?

é um tipo triste, cansado,
de aspecto pobre e servil:
o mesmo em todo o Brasil
da Santa Cruz.

Abandonado da sorte,
só numa coisa confia:
é que desta o leve um dia
Nosso Senhor.

Mas não lhe fala :não pode;
é hora de uma lição.
(Quem não souber diz que são
inimigos!).

Sóbrio à força, sonha, às vezes,
com frutas, doce, bebida...
Menos jejum tem a vida
do padre.

Mas trabalha. E para a luta,
que sustenta, dia a dia,
tem que sacar energia
do espírito.

Meio cavaleiro andante,
misto de monge e jogral,
mas nutrindo um ideal
santo!

É um herói desconhecido.
Isso — é mais do que ninguém
Deus te proteja, colega!
Amém.

O jornalismo, especialmente o de idéias ou de letras, não era bem uma profissão. Como bem recorda Lafayette Spínola em sua entrevista, "os jornais não tinham condições financeiras", "o jornalismo pagava pouquíssimo" e, mesmo, "os literatos pediam para publicar seus trabalhos". Jorge Amado, também em entrevista, informou-nos que, já bem no fim do período, ganhava 90$000 teóricos em um dos mais antigos e prestigiosos órgãos de nossa imprensa local. "Não era uma profissão", dirá por isso o entrevistado Orlando Gomes, para completar, em seguida: "ajudava a viver os profissionais da imprensa".

"O jornalismo servia para conseguir colocação no serviço público", informa Admar Guimarães, talvez revelando um aspecto mais oculto da atração que a imprensa exercia, então.

Pormenores também significativos revela-nos a entrevista escrita de Alexandre Passos:

"O jornalismo foi oficializado como profissão na década dos trinta. Claro que os proprietários das empresas, isto é, seus editores, poderiam viver dele (do jornalismo). Os salários eram curtos e os revisores ganhavam muito pouco; mas o pessoal das oficinas estava sempre em dia, com os ordenados normais".

Nogueira Passos acrescenta que "somente após *A Tarde*, com Simões Filho, é que houve uma empresa jornalística mais sólida".

Se não remunerava bem financeiramente, parece que gratificava muito psicologicamente. Pinto de Carvalho, comentando o quadro cultural da Bahia em 1912, depõe: "Eu mesmo publiquei dois livros, além de largo farnel de conferências, discursos, aulas inaugurais, etc: — foi, porém, no jornalismo que encontrei campo aberto para os meus trabalhos, especialmente literários, mas também filosóficos e de âmbito social" (20).

De tal modo era absorvente, então, a paixão do jornalismo que houve grandes figuras da época que quase nada deixaram escrito, senão nas páginas dos jornais. Virgílio de Lemos, talvez a maior vigência de pensador e, mesmo, de filósofo, além de pequenas plaquetes, nada deixou senão na perecível imprensa diária (21).

5.1. — *Estratificação Social da Inteligência* — A opinião dominante entre nossos entrevistados é a de que a classe média foi o celeiro dos intelectuais baianos do período. Assim opinam Elpídio Bastos, Orlando Gomes, Admar Guimarães, Alexandre Passos, D. Alice Silva, Mons. Ápio Silva e Carlos Torres, contra a opinião isolada de

Lafaytte Spínola, que vê uma predominância da classe baixa, talvez julgando as classes médias muito pobres de então pelos padrões atuais de nossa sociedade de consumo.

Que nos diz, a respeito, a verificação empírica dos dados biográficos dos oitenta intelectuais do período mais detidamente estudados?

Dos dados colhidos, dois se encontram em melhores condições de definir o *status* na estratificação social — a profissão paterna e materna (menos essa, pelo patriarcalismo ainda então dominante que praticamente negava à mulher uma profissão, reduzindo-a à condição doméstica) e o modo como o intelectual provia à sua subsistência e a de seus familiares. Os primeiros indicariam o *status* originário; o segundo, o *status* adquirido no correr da vida e no exercício da atividade intelectual.

Quanto ao primeiro tipo de dados, nem sempre foi possível colhê-lo convenientemente em todos os casos, ora havendo indicação precisa de uma profissão já de si indicadora de *status*, ora uma indicação menos precisa porque a profissão já era de si tão hierarquizada em diversos *status*, que não era possível com esta única indicação apontar o *status* correto. É o caso, por exemplo da indicação — militar. Oficial superior, ou não? Oficial, ou praça? Também quando o biógrafo nos indica que o pai de tal escritor era um comerciante, esta simples indicação não nos diz muito a respeito da classe social, porque a palavra abrange em sua extensão desde o magnata do comércio até o quitandeiro, e a tendência eufemística de certos biógrafos pode aí ter feito a sua parte.

Com essas e outras imprecisões, entretanto, podemos enquadrar determinadas profissões como típicas de classe alta, outras indicadoras de uma situação mediana e outras tantas reveladoras de penúria econômica. Dentre as encontradas a respeito dos pais dos oitenta intelectuais estudados, poderemos sem esforço incluir na classe alta aqueles que aparecem sob as seguintes indicações: proprietário, senhor de engenho, comendador, comerciante, fazendeiro, catedrático da Faculdade de Medicina e vice-almirante. Também incluimos nesta camada aqueles a respeito dos quais não encontramos a exata profissão, mas que todas as indicações colhidas dão-nos como integrantes da classe alta. Situação entre alta e média é a de dois "chefes políticos".

Como originários da classe média, enquadramos os filhos de: guarda-livros, lente da Escola Normal, educador, dono de saveiros, maestros, funcionário público, pintor, advogado, magistrado, farmacêutico, arquiteto, desembargador, capangueiro, médico e militar. Também nesta camada, houve pelo menos um indivíduo cuja profissão não nos foi revelada, mas que todas as demais indicações colocaram-no na classe média.

Originários da classe mais baixa são os intelectuais filhos de: marceneiro e comerciário, o talentoso mulato filho de escrava e pai desconhecido, e outros cuja profissão paterna não nos foi dado conhecer, mas cujas indicações outras os colocam entre os da classe baixa. Por vezes a condição materna pode resolver a questão, como no caso daquele intelectual caracterizado pelo seu biógrafo como "filho de viúva pobre". Aí fica patente a condição de classe baixa ou pelo menos de classe média proletarizada pelo precoce desaparecimento paterno.

Em difícil classificação, entre a média e a baixa fica o filho de serventuário da justiça, expressão tão ampla para abranger do escrivão apatacado até o humílimo oficial de justiça de uma pobre comarca do interior.

Admitidos tais parâmetros, já podemos notar que o depoimento dos nossos entrevistados concorda, no essencial com os fatos. Há um evidente predomínio de oriundos das classes médias, com um grande contingente de filhos da aristocracia dominante e já bastante decadente, além de alguns grandiosos exemplos de ascensão social de emergentes da massa anônima dos despossuídos. Em números, temos o seguinte resultado: trinta e um (se contamos todos os filhos de comerciantes e fazendeiros, que bem poderiam ser pequenos e médios), ou seja, 38,5% deles seriam originários de classe alta; dois (os filhos de "chefes políticos") naquela situação indecisa entre a alta e a média; vinte e cinco, isto é, 31-5% do total são filhos de profissionais típicos da classe média; e nove (11,25% exibem evidências de classe baixa. Dos demais, não nos foi possível encontrar dados precisos ou fidedignos quanto à sua origem social.

Desse quadro, que aparentemente revela uma supremacia da classe alta (38,5%, contra 31,5% da média), depreende-se, entretanto, que a mediana foi a condição originária dominante, pois o maior contingente computado como originário da alta veio de quatorze filhos de comerciantes, que obviamente poderão ter sido grandes, médios ou até pequenos comerciantes, e de dez filhos de fazendeiros, muitos dos quais não se situariam, evidentemente, na classe alta, mas na média.

Este é, pois, um ponto, em que a pura visão quantitativa, sem a corrigenda da compreensão do substrato fático da conduta real dos indivíduos, não nos poderia conduzir a um resultado cientificamente válido.

A verificação dos dados obtidos individualizadamente sobre a vida de cada um dos autores estudados, deixa patente que a situação de mediania, com esta ou aquela exceção individual, foi a dominante também no desenrolar da vida de nossos intelectuais. Tal mediania foi uma grande ascenção para um Teodoro Sampaio, por exemplo ;foi um manter-se no *status* originário para a grande maio-

ria dos originários das camadas médias; e foi uma pequena decadência para os filhos das antigas aristrocracias, agora empobrecidas, que lograram manter essa mediania mediante as profissões intelectuais exercidas, situação hipotética, a respeito da qual, aliás, não nos ocorre qualquer ilustração concreta, o que insinua sua raridade ou, mesmo, inexistência, ao menos no quadro dos oitenta escolhidos.

5.2. *Bacharéis e Doutores* — Bacharéis ou doutores, quais seriam os maiores dominadores de nossa vida intelectual provinciana? Nossos entrevistados vacilaram em dar a primazia a uns ou a outros. D. Alice Silva, Monsenhor Ápio Silva, Orlando Gomes, Lafayette Spinola e Carlos Torres deram a primazia aos médicos. Nogueira Passos, Alexandre Passos, Admar Guimarães e Elpídio Bastos, aos bacharéis. E, praticamente, todos acertaram, pois a nossa amostra quase que os apresenta empatados em número. Vinte e dois dos nossos oitenta eram bacharéis. Os médicos, vinte e um. Vinham em seguida sete engenheiros, cinco formados em Belas Artes (dois dos quais em Paris), quatro sacerdotes, um agrônomo, um farmacêutico e um militar. Cinco eram formados por escola normal, um tinha o secundário (bacharelado em Ciências e Letras completo e mas dois, incompletos, seis eram detentores do curso primário completo, duas senhoras tiveram esmerada educação a domicílio, que deveria situar-se entre o primário e o secundário, um nos aparece como autodidata, e não pudemos descobrir o nível de escolaridade de mais um outro.

Na amostra revelada, a mais nítida evidência sociológica é a quase igual significação numérica entre médicos e bacharéis, num país onde estes predominaram asfixiantemente na vida intelectual. Tal se deve, obviamente, ao predomínio da Faculdade de Medicina, a mais notável vigência-instituição do período e mesmo de bem antes. Até mesmo bacharéis ilustres foram atraídos para Salvador pela Faculdade de Medicina. É o caso, por exemplo, de Virgílio de Lemos, que aqui veio das Alagoas para ser médico e chegou a ser um dos nomes mais prestigiosos dentre os professores de nossa Faculdade de Direito.

O relativo número de engenheiros deve-se ao fato de que durante todo o período já vinha funcionando entre nós a Escola Politécnica .

A destacar ,também, a importância da Escola Normal como um sucedânio da formação superior para as pessoas de menos posses. Para alguns, ela foi um acesso à educação superior, que tinha a vantagem de ser praticamente gratuita, enquanto os preparatórios envolviam cursos pagos a professores particulares, e, além do mais,

a Escola Normal proporcionava uma profissão que poderia manter o estudante, enquanto cursava a sua faculdade escolhida.

6. COMUNICAÇÃO E PÚBLICO

6.1. *As condições de Liberdade Intelectual* — Parece ter sido ampla a liberdade civil gozada pelos intelectuais do período. Nossos entrevistados são quase unânimes a respeito. Pronunciam-se nesse sentido: Elpídio Bastos, Jorge Amado, Orlando Gomes, Admar Guimarães, Lafayette Spinola, Carlos Torres e D. Alice Silva. Esta, *née* Moniz (e, pois, parenta de um dos governadores do período e que mais foi atacado pela imprensa do tempo), fala-nos de uma "liberdade total, talvez excessiva" e lembra até "caricaturas indecentes contra governadores" publicadas na imprensa diária. Lafaytte Spinola tenta uma explicação para o fenômeno, observando que a literatura de então era algo distante da política, donde o Estado não se sentir nunca hostilizado, e cita em favor de seu argumento um verso de Pethion de Villar, que, por nefelibata, é, a respeito, muito revelador:

"O vulgo não entende o sonho do poeta".

Homem de imprensa desde jovem, confirma a existência de uma larga liberdade de imprensa, gravemente atingida, porém, de quando em vez, pelos empastelamentos. Recorda ainda o "caso papagaio louro", que resultou na invasão da Faculdade de Direito por tropa do exército, como represália a uma brincadeira estudantil à passagem de uma banda de música daquela corporação pela porta da Faculdade.

Outros informantes recordaram fatos atentatórios à liberdade de imprensa, que era, porém, a regra geral, por todos admitida como vigente. Monsenhor Ápio Silva relembra os espastelamentos dos jornais *A Hora, Diário da Bahia* e, bem posterior ao período, do jornal comunista *O Momento.*

Nogueira Passos lembra que "a política aqui foi um pouco azeda", recordação de sua infância ao acompanhar as peregrinações eleitorais do avô, senador estadual. E exemplifica: "Artur Ferreira perdeu um olho numa surra de cipó-caboclo mandada dar pelo Comandante da Região de então, por causa de um artigo seu em *A Hora,* ofensivo àquela autoridade militar". Relembra ainda "muita descompostura pelos jornais... até, às vezes, com intenções desonestas..."

Alexandre Passos, embora admitindo que as condições de liberdade intelectual eram "boas e regulares, dependendo da oportunidade", assinala que "em 1912, vários jornais diários foram empastelados. Dois deles não voltaram a funcionar."

José Calasans recorda também o caso da invasão militar da Faculdade de Direito, sob o comando de Magalhães Barata, depois governador do Estado do Pará.

Lulu Parola, em *Meu Caderno,* anota o fato de o primeiro-tenente do Exército Dr. Propício da Fontoura ter sido mandado recolher à fortaleza Santa Cruz por causa de telegrama que dirigiu ao Presidente da República ([22]), o que, tendo em vista a condição militar do missivista, deve ser visto antes como um caso de aplicação de regulamentos disciplinares do que como uma limitação à liberdade de pensamento e expressão.

Tal liberdade parece ter sido, de fato, a mais ampla. Pelo menos é o que se pode depreender dos textos jornalísticos da época. Tomemos dois exemplos, depois publicados em livros, curiosamente da autoria de dois contendores numa polêmica que se tornou célebre pela violência dos doestos e da linguagem que terçavam Acácio França e Altamirando Requião.

O primeiro, citando o segundo, fala, nos seguintes termos desabridos, nada menos que do Presidente da República da época:

"... protesto, enfim, concidadãos, contra o chefe desta República de diáteses sinistras, (só isso exculpa-o do resto) contra o Presidente desta Nação agonizante, que é um criminoso invulgar, que é um réu inclassificável, e que estaria a pedir uma denúncia imediatamente aos tribunais do País, como peculatário e demolidor se ainda alguma coisa na nossa Pátria se salvasse,"... ([23])

O segundo, que já assim se tinha expressado sobre o Presidente da República, assim agora irá agraciar o Governador do Estado:

"No meu discurso, fui até interrompido por vários apoiados e bravos, partidos, justamente, de alguns espanhóis, precisamente na parte em que me referia à Inglaterra; e, no final, somente quatro parvos, de caraças largas e bestiais, ficaram insensíveis e frios, na sua estupidez de cobardes! Um desses foi o sr. governador, que lá tem os seus motivos eloqüentes, para não tolerar a minha habitual independência, e os restantes não merecem a honra de um ponta-pé, porque ainda são mais baixos do que essa expressão de nulidade e de torpeza, que desonra o governo da Bahia" ([24]).

Oh tempora! Oh mores!...

6.2. *Públicos e Auditórios* — Indagados sobre como era constituído dominantemente o público intelectual da época e, em particular, se havia algo a destacar em matéria da existência de auditórios mais significativos quanto à comunicação oral da obra intelectual, nossos entrevistados nos proporcionaram observações muito percucientes.

Todos enfatizaram a existência e a importância das conferências, dos discursos e dos recitais. Admar Guimarães sublinhou o

movimento musical devido aos incentivos criadores de Silvio Deolindo Fróes. D. Alice Silva anotou as reuniões na Academia de Letras, os recitais na Associação dos Empregados no Comércio e assinalou o papel do Politeama, quer no aspecto artístico, quer nas campanhas políticas. Monsenhor Ápio destaca o Instituto Histórico, o Politeama, a Associação Comercial e a Faculdade de Medicina como locais de reuniões intelectuais.

Respondendo à mesma indagação, Alexandre Passos escreve: "O baiano, principalmente na Cidade do Salvador, não era infenso às reuniões culturais. As conferências contavam com público certo e exigente; e os oradores sacros eram ouvidos com atenção, respeito e espírito analítico. Além dos auditórios dos dois principais teatros — o São João e o Politeama — as salas dos institutos de ensino, das associações de classe, entre as quais o Liceu de Artes e Ofícios, o Centro Operário, a dos Empregados no Comércio e a Tipografia Baiana, ofereciam condições de conforto nessa direção. Estavam no mesmo caso os salões dos velhos e novos edifícios do Instituto Histórico e do Gabinete Português de Leitura".

Advogado e professor, Lafayette Spinola chama a atenção para a cátedra e as sessões do júri como instituições prestigiosas na comunicação de idéias e valores.

O público de teatro também parece ter sido considerável e de certo nível. "A geração daquela época na Bahia — escreve Carlos Torres — possuía a grande felicidade, a imensa ventura, a colossal sorte de assistir à melhor e mais interessante variedade em teatro que existira" [25].

O mesmo escritor dá as razões do fenômeno imputando-o ao fato de a guerra européia de 14-18 ter forçado as companhias artísticas a se transportarem para o Novo Continente, o que muito beneficiou a cultura artística dessa província [26].

O público leitor (salvo talvez o de jornais diários, onde a continuidade das polêmicas exercia sobre os leitores um papel análogo ao dos folhetins), esse não deveria ser tão grande, a julgar pelas lamentações de escritores. Ironista espontâneo, Pinheiro Viegas comenta, sarcástico: "Escusado é dizê-lo, nesta ex-Atenas Brasileira (hoje Apenas Brasileira), todos escrevem e ninguém lê" [27].

Astério de Campos também vitupera a "tradicional preguiça de ler. É descomunal. É calamitosa. É característica. A preguiça de ler é a maior preguiça brasileira" [28].

Tudo isso nos leva a crer que a nossa cultura era, então, uma cultura eminentemente oral, oratória e teatral, como não por acaso são oratórios e teatrais até mesmo, os nossos mais festejados poetas líricos. A cátedra, com suas preleções grandiloqüentes, mesmo sobre assuntos científicos; o púlpito; a tribuna política ou forense; a

conferência; o discurso cívico "ao pé do Caboclo", no Campo Grande ou na passagem do préstito do 2 de julho, da sacada do Instituto Histórico; e, mais, o teatro propriamente dito e o artigo de fundo ou de polêmica, escrito já em tom eloqüente como que já feito para que fosse lido em voz alta e comunicado, assim, oralmente, a terceiros — tudo isso vem fazer da cultura baiana uma cultura eminentemente oratória, eminentemente oral. O próprio intelectual que fosse um grande leitor cobrava a admiração pública pelas citações e referências orais que fazia em conversa, em aula ou em discurso, das obras lidas e sabidas. Por isso, os "donos" do grande público intelectual sempre foram entre nós oradores e declamadores, homens de palavra fácil, grandes *causeurs*. São eles um Ruy Barbosa, símbolo e padrão, um Arlindo Fragoso, um Seabra, um Pinto de Carvalho, um Virgílio de Lemos, um Prado Valadares, um Otávio Mangabeira, um Carlos Chiacchio, capaz de discurso e de declamação igualmente eloqüente (idem quanto a Durval de Morais) e os príncipes da oratória sagrada, um Cupertino de Lacerda, um D. Jerônimo, um D. Augusto, um Pacífico Pereira e tantos mais.

Os não ou pouco falantes, como um Artur de Sales ou um Pedro Kilkerry, apenas logravam o reconhecimento por parte de uma elite limitada, como aconteceu ao primeiro, ou após tantos anos de sua morte, como está, agora mesmo, acontecendo ao segundo. Tal era o preço que havia de pagar o intelectual introvertido numa república-das-letras como a nossa, toda ela composta de bem falantes extrovertidos e comunicativos.

7. ESTRUTURA SOCIAL DA REPÚBLICA DAS LETRAS

7.1. *O Grupalismo literário* — Não há, talvez, aspecto mais interessante — nem mais delicado... —, do ponto de vista de uma sociologia da vida intelectual, do que este dos grupos, *cotéries* ou igrejinhas da república-das-letras. A seu respeito, entretanto, embora todos estejam, no comum, dispostos a reconhecer-lhe a existência, costuma-se manter a mais farisaica das atitudes, dando-se por suposto que constitui aspecto epidérmico da vida literária sem mais substantiva influência sobre os níveis mais profundos da vida do espírito, do pensamento e das letras. Entretanto, estamos convencidos que se convenientemente estudado, tanto, por um lado, o mutualismo protecionista que costuma medrar dentro dos grupos, como o aspecto aguerrido que costumam tomar suas relações com os outros grupos rivais, muitos aspectos habitualmente obscuros da vida do espírito seriam iluminados por um novo clarão. Foi o que tentamos, sinteticamente, a respeito da vida literária brasileira entre 1870 e 1930, em nossa tese, que leva o mesmo título geral deste parágrafo 7.

Em relação à Bahia de nosso período, porém, as dificuldades são ainda maiores que as habituais e as que enfrentamos em relação ao País entre aquelas duas datas, pois, embora nunca realizados de um ponto de vista sociológico, muitos estudos histórico-literários já haviam sido efetuados sobre o grupalismo literário brasileiro do período. Entre nós tais estudos estão ainda por fazer, se abstrairmos o que, sob nossa orientação, já realizaram até aqui — e já de uma perspectiva sociológica — os nossos alunos do Mestrado em Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa.

Os próprios participante da vida literária de então — *et pour cause* — foram reticentes ou evasivos, não se dispondo, salvo exceções, a uma informação exaustiva quando lhes perguntamos, em entrevista, se poderiam identificar as principais *coteries* literárias da época.

"Havia-as, mas um tanto secretas. Apenas seus efeitos eram sentidos, sem identificação desta ou daquela influência", respondenos Alexandre Passos, talvez o mais indicado, por ser um historiador literário do associacionismo literário na Bahia desde suas origens coloniais, sendo, ele próprio, ligado ao movimento rotulado como Hora Literária dos Novos, "da qual fizeram parte Francisco de Matos, Hermes Lima, Lourival Fontes, Agenor Chaves, Nonato Marques e Emídio de Souza", como nos informa na mesma entrevista.

Quanto ao fim do período, todos estão de acordo em atribuir a Chiacchio e Viegas a liderança de dois grupos mais ou menos modernistas e rivais.

Viegas parece ter reunido ao seu redor dois diversos e sucessivos grupos, o primeiro em torno da revista *Samba,* contemporânea dos primeiros números de *Arco e Flexa,* que reunia o grupo de Chiacchio. Integravam-no Alves Ribeiro, Elpídio Bastos, Bráulio de Abreu, Clodoaldo Milton e Oto Bittencourt Sobrinho. Por dissenção interna que afastou Ribeiro e Viegas dos demais membros do grupo, este se dissolveu.

O segundo grupo de Viegas foi o da Academia dos Rebeldes, que usava uma sede no Terreiro de Jesus cedida por Souza Carneiro e onde funcionava uma sessão espírita. Integravam essa academia contestatária do academicismo oficial, além de Viegas, Alves Ribeiro, J. Cordeiro, Dias da Costa, Edson Carneiro, Clóvis Amorim, Dias Gomes, Da Costa Andrade, Manuel Lima, Epaminondas Souza Pinto, Souza Aguiar, Aydano do Couto Ferraz, de certo modo Artur Ramos e Sozígenes Costa e, finalmente, Jorge Amado, que, como entrevistado, nos proporcionou esses dados.

Foi esse segundo grupo que, na expressão de Jorge Amado, "comprou a briga com *Arco e Flexa*".

O grupo de Chiacchio toma corpo nas reuniões da Távola Redonda, nome simbólico da "roda de intelectuais que se reunia, no cafezinho do lado do Cinema Guarani, aí por volta das dez da noite, hora que medeava entre a saída das redações de jornais e a entrada na vida boêmia da cidade", segundo o relato de um entusiasta observador participante — Valdemar de Oliveira —, que, em suas memórias ,traça, nesses termos, o perfil de Chiacchio como líder, fazendo ainda sumária descrição do grupo:

"O morubixaba da tribo era Carlos Chiacchio, perfeito lider. Tinha voz de comando, não por ser o mais velho, mas por ser o mais culto. E, também, o mais despachado, em seus autênticos excessos de baiano — o largo chapéu à Paula Ney, a voz grave, metálica, rasgada, o ar permanente de espadachim das letras, fazendo-se respeitar fosse por um repente de revolta, fosse por uma gargalhada de atroar mundos. Representava o eixo de gravitação de um punhado de intelectuais que ali iam discutir as correntes modernistas da literatura e da arte, de permeio a algum cachação no governo ou na sociedade.

"Obedeciam ao Rei Artur da 'Távola', o Roberto Correa, o Sodré Viana (Jesovi), que assinava, em jornal, secção em versos / apreciadíssima; Francisco de Matos, verdadeiro ourives da Trova; outros poetas, como Carvalho Filho, Áureo Contreiras; o pintor Presciliano Silva e seus discípulos, entre os quais, de cabelos revoltos e olhar sonhador, o Valença. Destacando-se pela impecável linha no vestir, no dizer, no portar-se, Rafael Barbosa e Caio Pedreira, de tradicional família baiana, eram jovens de grande elegância natural (...).

"Se o encontro se prolongava, podiam aparecer, vindos da Ladeira da Praça, o Bastinhos, pernambucano, cronista esportivo do *Diário da Bahia,* ou o Henrique Câncio, mestre do jornalismo, que o secretariava. A roda se ampliava com a presença eventual de Alípio Campos França, o caricaturista Aguiar, Tadeu, Santos, Amado Coutinho, Florêncio Santos, Artur de Sales, Hermano Santana, Aurides Magalhães, Paraguassu, Afonso Rui, poucos outros" (29).

Arco e Flexa sucedeu ao grupo da *Távola,* reconhecendo-lhe, inclusive textualmente, certa suzerania espiritual, como se depreende da declaração publicada no número 4/5 da revista (30).

Segundo depoimento de Hélio Simões, participante do movimento, *Arco e Flexa* surgiu do grupo que se reunia na casa de Pinto de Aguiar, em Santo Antônio. O futuro editor já demonstrava, então, sua vocação de aglutinador de talentos. Da casa de Pinto de Aguiar o grupo passaria a reunir-se no famoso *Café das Meninas,* onde a discussão fez surgir o "tradicionalismo dinâmico", cujo manifesto já foi obra de Chiacchio.

Chacchio ainda continuaria sua carreira de líder intelectual com a instituição da Ala das Letras e das Artes, cuja primeira publicação, espécie de revista, manifesto e organograma — tantas eram as secções e sub-secções de comissões e conselhos culturais m que o movimento consistia — vem a lume em 1938, já, portanto, fora de nosso período. Para que se possa perceber a amplitude da pretensão aglutinadora de Ala, basta que se diga que, além de um Conselho Normativo composto de seis membros, cada um com competência sobre determinado ítem cultural, havia ainda trinta comissões de cultura, cada uma delas com seis membros titulares de suas respectivas sub-especializações.

Alguns elementos de *Arco e Flexa* e da Ala das Letras e das Artes, que depois viriam a representar importantes papéis na cultura baiana e brasileira, já compunham, ainda estudantes secundários no Colégio Antonio Vieira, e sob a liderança espiritual do Pe. Cabral, o círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica. Integravam-no Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, José Faria Góes, Otacílio Lopes e Hélio Simões.

Se prosseguirmos nessa linha regressiva, o grupo literário que maior significação teve no início do período foi o da *Nova Cruzada*, que já foi, inclusive, objeto de pesquisa aprofundada do ponto de vista da história literária ([31]).

Era, originariamente, um grupo de jovens intelectuais que se compunha de estudantes das escolas superiores então existentes, professores, militares, homens do comércio, funcionários públicos, todos atraídos pelo que Eduardo Frieiro chamou a "ilusão literária".

"Entre os membros da *Nova Cruzada*, cujas atividades alcançaram as vésperas da Grande Guerra — a primeira — poderei citar Ambrósio Gomes, Álvaro Reis, Aníbal Amorim, Jacinto Costa, Pedro Kilkerry, Alexandre Fernandes, Souza Pinto, Fernando Caldas, Cícero França, Pereira Reis, Lopes Ribeiro, Silva Coelho, Rafael Leal, José Barreto, Jonas da Silva, Durval Néri, Artur de Sales, Alfredo Pimentel, Filemon de Menezes, Argileu Silva, Carlos Chiacchio, Roberto Correa, Aloísio da Silva, Arnaldo Damasceno Vieira, Salvador de Araújo, Durval de Morais, Galdino de Castro, Octávio Mangabeira, João da Silva Campos, Presciliano Silva, M. Paulo Filho e Carlos Weber, este sempre preocupado com a coleção da revista" ([32]).

A Nova Cruzada sucedeu ao Grêmio Evolução, que reunia Francisco Mangabeira, Antero Valadares, Paula Campos, Gustavo Kelsch, Rafael Pinheiro, Manuel Brito (presidente), e que fazia, entre 1893 e 1894, conferências dominicais muito concorridas, sobre temas escolhidos por sorte ([33]).

Contemporânea da *Nova Cruzada* foi a *Nova Revista*, que Almachio Diniz diz ter sido parcialmente absorvida pela *Nova Cruzada*, ao menos quanto a seus melhores elementos (34).

Entre a *Nova Cruzada* e os grupos de Chiacchio e Viegas, grande número de grupos e organizações ocuparam o proscênio da vida intelectual da província. Dentre esses, destacam-se pela maior institucionalização, o Ateneu Muniz Barreto, a Academia Baiana de Letras, o Grêmio Lítero-Jurídico, a Hora Literária dos Novos e a Academia de Letras da Bahia.

O Ateneu Muniz Barreto foi fundado em 1910 por um grupo de jovens e teve vida efêmera, extinguindo-se antes de completar o primeiro ano, transformando-se na Academia Baiana de Letras, composta de vinte e cinco cadeiras, ocupadas, entre outros, por Afonso Costa, Deraldo Neville, Altamirando Requião, Luiz de Sales, Sílio Bocanera Neto, Guimarães Cova, Astério de Campos, Eufrosina Miranda, Alberto Rabello, Rosendo Filho e Anísio Melhor (35).

O grêmio Litero-Jurídico era composto de alunos da Faculdade de Direito, muitos dos quais vieram a desfrutar de significativa posição no ambiente intelectual local. Editava uma revista — *A Justiça*.

A Hora Literária dos Novos congregava Alexandre Passos, Emídio de Souza, Parente Viana, Monteiro Teixeira, Lourival Fontes, Rafael Barbosa, Ezequias da Rocha, Paulo Alberto, Conceição Menezes, Agenor Chaves, Raimundo Brito, Vale Cabral, Áureo Contreiras, Heitor Chamusca, Cecílio dos Santos, Quintor Café, Hugo Balthazar, Alberto de Assis, Francisco de Matos, Matias da Costa, Pompílio Filho, Luís Barreiros e poucos mais, segundo depoimento do primeiro (36).

Finalmente, a atual Academia de Letras da Bahia foi fundada em 1917 por influência de Arlindo Fragoso, então secretário de Estado o seu grande mecenas, que, afinal, tendo sido esquecido na partilha das quarenta cadeiras iniciais, foi agraciado com uma quadragésima primeira, que teve caráter transitório, apenas para atender à constrangedora emergência. Ou graças às suas origens bafejadas pelo poder, ou por uma organização mais apropriada, segundo o modelo das congêneres desde a francesa, a Academia de Letras da Bahia, ao lado do Instituto Histórico, é a instituição da república-das-letras do período que logrou chegar até os nossos dias como uma lídima expressão da inteligência baiana, em suas qualidades e em seus defeitos, em seus excessos e em suas falhas ou carências.

Por essa breve resenha, podemos tomar o pulso do grupalismo intelectual da província, dando razão a Almachio Diniz, quando assinala que houve sempre a mais manifesta tendência associacio-

nista dos nossos homens-de-letras. "Toda a vez que o movimento intelectual da Bahia se avigorou, houve manifestações de gregarismo literário, sendo que as primeiras delas foram feitas, como disse o sr. Sílvio Romero, à imitação das que existiam na metrópole" [37].

7.2. — *In group X out group* — Conhecida, ainda que sinteticamente, a estrutura do grupalismo literário, importa, agora, conhecer-lhe a intrincada e sutil fisiologia, em especial o seu interrelacionamento interno e com os grupos adversos. Na essência, o processo não difere daquele caracterizado pela sociologia americana com os termos que nos servem aqui de epígrafo. O elogio mútuo é a expressão peculiar da coesão interna, que por vezes toma a feição mais nitidamente mutualística dos atos de protecionismo e patrocinamento; o ataque aos membros dos grupos adversos sendo, ao lado dos atos mais efetivos de perseguição, o modo conflitante do relacionamento com o "grupo alheio".

Da prática do elogio mútuo, basta-nos mencionar o depoimento autorizado de Chiacchio: "Para se ter talento, pois, não é preciso senão apregoar-se como tal, ou fazer que os outros o pregoem. Para isto aí vai vivendo a comparsaria do elogio recíproco", escreve ele em *Os Grifos* [38].

Mais efetivos que os elogios mútuos, seriam, certamente, os atos de protecionismo ou patrocínio com que os integrantes de um grupo intelectual favoreciam seus confrades.

No melhor estilo da tradição, Viegas, que, no Rio, pertencera ao grupo de Agripino Grieco, apresenta a este, por carta, o iniciante escritor Jorge Amado.

Quando no exercício do poder político, os intelectuais não perdiam a chance de "colocar" os seus confrades, ora atuando nos concursos com a simpatia oficial, ora nomeando-os diretamente para cargos vagos. Nem sempre o candidato estava realmente apto para a vaga existente. Foi o que ocorreu no caso de um governador que prometera a um contraparente uma vaga no Ginásio da Bahia. A vaga existente era de Matemática e o candidato, dentista. Mesmo assim a nomeação foi feita e o dentista soube fazer *jus* à oportunidade, tendo se tornado um razoável professor de Matemática.

Nos concursos, especialmente da Faculdade de Medicina, mas também do Ginásio da Bahia e da Escola Normal, formavam-se os partidos dos candidatos, cada qual "mexendo os pauzinhos" em favor de seu preferido. Congregações e governo tinham, então, uma forte influência. Vários desses concursos ficaram célebres como, por exemplo, o de Clementino Fraga e Prado Valadares, o de Inácio de Menezes e Fróes da Fonseca, e, no Ginásio da Bahia, o de Álvaro Rocha e Deraldo Dias.

Com o "grupo alheio", o relacionamento era, comumente, bélico, ou algo pelo estilo.

Os ataques tomavam as formas mais virulentas. O epigrama ferino era assunto do dia. As acusações de plágio eram muito freqüentes. Nas polêmicas — e esse é um tema que nos merece tratamento especial —, o estado de guerra era endêmico.

Das palavras passava-se, geralmente, aos fatos, e dos ataques verbais, aos atos concretos de perseguição. Quando menos, o silêncio calculado sobre a obra do desafeto ou, mesmo, o seu nome.

Um informante nos relatou o caso de certo candidato a concurso no Ginásio da Bahia, que foi desviado de uma disciplina para outra, diz-se que por interferência do diretor, que desejava evitar dois candidatos negros.

Nos institutos de ensino, a perseguição alcançava até os alunos, sendo numerosos os casos notórios de alunos que saíam reprovados dos exames por implicância pessoal dos professores. Álvaro Rui, boêmio afilhado de Rui Barbosa, teria sido um desses casos, motivo pelo qual teve de abandonar os estudos no segundo ano médico.

Otávio Torres — tal é o convencimento de dois informantes, membros de sua família — sofreu pesada campanha na Faculdade de Medicina, devido à oposição de que era alvo o Governador Antônio Moniz, seu parente por parte de uma facção poderosa da Congregação.

Álvaro Reis rejeitou a entrada de Braz do Amaral na Nova Cruzada, porque, quando fora aluno do historiador, desaviera-se com este em classe.

Carlos Chiacchio, movido por preconceitos patriarcais, reagiu fortemente à entrada de D. Edith Gama e Abreu na Academia de Letras da Bahia, segundo nos informa Karlos Weber.

Mas era a polêmica a característica mais marcante da vida intelectual baiana. Por isso merece o destaque que lhe daremos a seguir.

7.3. *Polêmicas e Metáforas Bélicas.* A polêmica dominava a vida intelectual da província, que, por isso mesmo, ficou por ela marcada de maneira indelével. Os grandes jornais tinham sempre uma polêmica em pendência, o que muito contribuía para sua vendagem. O grande polemista de cada folha equivalia, de certo modo, à prima-dona da companhia ou ao orador oficial de um grêmio ou academia.

Para que se tenha uma pálida idéia da significação da polêmica na vida intelectual da Bahia de então, citaremos, em nota, um resumido rol das vinte e cinco polêmicas mais notórias, o que, certamente, dará ao leitor atual a impressão de estar lendo a tabela de um disputado campeonato de futebol [39].

Se nos perguntamos pelo porquê sociológico dessa característica bélica de nossa vida intelectual, encontraremos a resposta na explicação que nos deu Hélio Simões, em entrevista que nos concedeu a respeito. Os jornais eram pouco noticiosos. Não havia agências internacionais que se incumbissem de vender a notícia com a eficiência eletrônica que hoje as caracteriza. Não havia nem o rádio, nem o avião. Somente o telégrafo. Por sua vez, o público não estava solicitado pelo futebol, como hoje ocorre. Nem o rádio ou a televisão disputavam à imprensa diária o domínio da atenção pública. O público estava, portanto, disponível. A polêmica era uma distração. A distração preferida de um público intelectualizado de leitores de jornais, num tempo em que "o Dr. Valadares e o Dr. Pinto de Carvalho eram tão populares quanto Pelé e Tostão em nossos dias".

Se temos em vista que a população de Salvador não ultrapassava de muito a primeira centena de milhar, melhor compreenderemos o fenômeno, levando em consideração as limitações da própria exigüidade do público disponível.

Somente assim se há de entender que provectos mestres da Faculdade de Medicina e até eclesiásticos se engalfinhassem pela imprensa diária sobre questiúnculas as mais tolas, por vezes.

Um doloroso mas, nem por isso menos eloqüente *revival* desse ambiente, pode ser encontrado no fato de que uma pessoa de mente pouco equilibrada, sobrevivente do período, esteja, ainda hoje, a insistir com os intelectuais mais em evidência, propondo-lhes temas de disputa, a ver se consegue reviver, numa nova polêmica, as emoções que lhe prodigalizara, na juventude, esse seu genero preferido.

Dessa característica polêmica da vida intelectual de então ficou-nos um traço peculiar, representado pelo imenso arsenal de ataques e expressões ofensivas que faziam o estilo intelectual da época ficar todo ele marcado pela insistente presença das metáforas bélicas.

Palavras ofensivas não eram medidas ou, ao contrário, os contendores porfiavam por se sobrepujarem mutuamente também nesse aspecto. Despejado cabotino, irrisório trampolineiro, mamaracho, mísero parvajola, beldroegas de estatura liliputiana, pulha, plagiário, pastichador, parodista, nojento, plagiador deslavado, eram expressões correntes nessas aguerridas justas do espírito...

Era de bom tom que os contendores demonstrassem sua potência de fogo... verbal, através da criação de neologismos injuriantes, tais como: pingapulhas, pilha-pilha, empalmafichas, engrolaturbas, criticanalha, replicachorrada, plagiomania grimpante, criticabotino e outras invencionices verbais infamante do contendor, seus atos, seus pensamentos e suas obras.

A imprensa diária publicava editoriais com títulos como estes: "A Fuga do Patife", "O Vômito de um Bêbado", "Morte e Enterro

do Leproso", "O Leproso em Fuga", "As Misérias do Crápula", "O Leproso em Fraldas", "A Esfola do Caluniador".

Os artigos assinados não tinham títulos menos virulentos — "Venha pra cá Valentão", "Pega o Ladrão", "Virgílio de Lemos de Cabidela"...

Nem mesmo os livros polêmicos fugiam a essa guerra de palavras — *Tosquia de um Filósofo, Escorcha de um Cabotino,* etc...

Essa voga da polêmica viria dar à vida intelectual baiana uma nota de publicidade, de vida pública, pouco favorável à necessária interioridade e autenticidade da vida do espírito. O gosto do discurso e da declamação viria ainda mais carregar nas tintas dessa insanável publicização da vida intelectual. Os salões foram os ambientes em que se lançavam os novos intelectuais e em que se mantinha uma convivência refinada e espiritual, que embora já desfrutasse da relativa publicidade da comunicação, ainda participava do ambiente aconchegante de um limitado círculo social.

7.4. — *Os Salões* — Toda vida literária parece carecer de instituições, como os salões, em que a iniciação na publicidade se faz para um público limitado, mas seleto, que exercerá a crítica — talvez benévola ou complacente — antes que o intelectual ouse lançar-se às aventuras do grande mar..., do grande público.

A Bahia da época também conheceu tais instituições, embora com limitações tanto de número como de significação.

Talvez o mais famoso deles fosse o de D. Julinha Galeno Santana, casada com o *globe trotter* Comendador Santana. Ficava na Vitória. Aí se reunia a *jeunesse dorée* do tempo, para ouvir Heitor Praguer Fróes ao violino, participar da conversação inteligente e cultivada do grupo de *Arco e Flexa,* brindar à anfitriã com legítimo Veuve Clicot e encerrar a noitada lá pelas 22,30, após saborear um chocolate quente. As grandes *diseuses* do salão eram Célio Koch e Aída Protásio. "Cavalinho de Judeu", composição poética de Hélio Simões, foi feito para Célia Koch declamar nesse salão.

Logo no início da guerra de 1914-18, o Instituto Histórico costumava realizar sessões literárias dominicais, donde parece ter surgido a idéia de fundar-se a Academia de Letras da Bahia.

Alguns intelectuais também reuniam amigos artistas e escritores em suas casas. Na casa de Pinto de Aguiar, em Santo Antônio, reunia-se o grupo que veio a fundar *Arco e Flexa* — Carvalho Filho, Hélio Simões, Eurico Alves, Carlos Chiacchio...

Galdino de Castro também reunia um grupo intelectual em sua casa, à rua do Paço 27, para ler, em voz alta, alguns clássicos como Vieira, Cervantes, Machado e Eça.

Famoso foi também o salão de Pethion de Vilar, bem próximo ao relógio de S. Pedro, onde os saraus tinham uma predomância

musical, o que também ocorria na casa do médico Gustavo dos Santos.

Alexandre Passos, respondendo à nossa entrevista, observou que, nas reuniões familiares da classe média, a presença de jovens escritores, poetas e capacitados na arte declamatória constituía desafio a duas horas de arte, entremeando as danças e a ceia.

Quando Góes Calmon foi governdor, o próprio palácio também foi salão. Ali, Valdemar de Oliveira presenciou Coelho Neto improvisar um conto, como costumava fazer, a pedido dos presentes (40).

Em sua própria casa, costumava ele reunir um grupo intelectual para uma ceia. Chegou-nos às mãos um dos convites impressos de tais jantares sob o título de "Tertúlia das Letras", em que cada comensal tinha seu nome precedido de uma das letras do alfabeto (salvo a letra N a que se seguia espaço em branco) e sucedido pelo nome de uma cor. Assim é que Deolindo Fróes era salmon; Braz do Amaral, esmeralda; Miguel Calmon, verde-primavera; Eduardo Espínola, castanho; Juliano Moreira, jaspe-verdoengo; e Afrânio Peixoto era nada menos que *rouille-safran-passée*...

É que a Bahia não estava — nem era de esperar que estivesse — imunizada daquele espírito mundano e frívolo que a *Bèlle Époque* fez dominar o Rio, com aquela inevitável associação de literatura e mundanismo que fez a glória de um João do Rio, um Figueiredo Pimentel, um Elísio de Carvalho, e que faria o nosso refinado Afrânio Peixoto — o comensal *rouile-safran-passée* de Goés Calmon — definir a literatura como "o sorriso de sociedade"... Os nossos salões de então refletiam também esse frívolo espírito do tempo...

8. AS VIGÊNCIAS INTELECTUAIS

Temo-nos valido da expressão *vigências intelectuais* — utilizando a palavra jurídica *vigência,* já ampliada em sua extensão por Ortega y Gasset para designar todas as vigências sociais, e não apenas as jurídicas — para rotular todos os valores, mitos e prestígios da vida intelectual, sejam eles indivíduos prestigiosos, instituições que têm e dão prestígio, idéias dominantes de um período e, mesmo, as palavras que numa época estão em todas as bocas dos integrantes da república-das-letras e também os modismos que caracterizam especificamente tais pessoas.

Usando essa mesma tipologia — vigência-pessoa, vigência-instituição, vigência-idéia, vigência-palavra e vigência-modismo —, é que vamos tentar descrever e interpretar o panorama das vigências intelectuais da Bahia da época.

8.1. — *Vigências-Pessoa* — As grandes vedetes da vida intelectual baiana eram os oradores, jornalistas e professores. Enfim, aque-

les que se dirigiam diretamente a um público considerável, fosse através da palavra oral — tanto melhor —, ou mesmo da escrita de fácil comunicação através dos jornais diários. Nesse número, contavam-se em primeiro plano os grandes polemistas, cujos artigos em revide aos adversários eram esperados com sofreguidão pelos aficionados do gênero. O poligrafismo, então reinante, fazia com que as as figuras então complementares do professor, do orador e do jornalista polemista concorressem num mesmo indivíduo que, então, estaria qualificado para assumir o estrelato máximo na vida intelectual de então. É o caso de um Virgílio de Lemos, de um Pinto de Carvalho, de um Prado Valadares, de um Luís Anselmo da Fonseca e de um Carlos Chiacchio, também professor no fim da vida.

O orador político ou cívico, dirigindo-se diretamente às massas do classe média, que eram, então, as politicamente atuantes, tinha o imediato reconhecimento do público que ele conseguia afagar em seus sentimentos e pretensões e gratificar em sua estesia literária, outro tanto ocorrendo, em um campo mais especializado e mais severo, com os famosos oradores sacros que, no ocasião, dividiam os públicos em partidos que preferiam ora um deles, ora outro como " o maior orador sacro da Bahia". Era de bom-tom que notórios materialistas e ateus tivessem também sua preferência no assunto, o que revelava qualidade liberal de um "espírito superior"...

O padrão vigente era que o professor fosse também um orador. E não apenas que fosse capaz de exercer a oratória em ocasiões propícias, no forum, no parlamento ou na tribuna popular ou cívica, mas na própria atividade magisterial, onde as aulas-conferências, também chamadas preleções, deviam mais encantar pela forma eloqüente do que pelo conteúdo científico ou singeleza didática. Ficaram famosas entre nós as aulas de brilhantes (era o termo) professores da Faculdade de Medicina, que eram esperadas e aplaudidas pelos alunos como exemplares peças oratórias. Ainda há pouco encontramos em Fortaleza um aluno daquele tempo, que nos relatava encantado os recursos oratórios de um extraordinário professor de Fisiologia, que escolhia a vida de Rui Barbosa para exemplificar em suas aulas, sabendo tirar o conveniente partido oratório do tema cívico-literário que então representava a vida do ilustre baiano há pouco tempo falecido.

O jornalista que mais se destacava era o redator dos famosos artigos-de-fundo — então publicados na primeira página e geralmente sobre um momentoso assunto político ou de atualidades — e, como já sabemos, o polemista capaz de reduzir a nada os argumentos — e a pessoa — do adversário.

Uma forma especial de polemista era o epigramista, papel que Pinheiro Viegas encarnou como nenhum outro no seu tempo. Era,

certamente, dessa figura de demolidor de falsos mitos intelectuais que lhe advinha o grande prestígio de que desfrutou, misto de temor dos mais velhos e reverante admiração dos mais novos, que ele liderava. Lulu Parola — *Cantando e Rindo* — foi outra figura de crítico social também muito prestigiosa.

Também o colunismo literário, o rodapé de crítica, era uma fonte permanente de prestígio. Foi de seu rodapé em *A Tarde,* sob o rótulo de *Homens e Obras* — título muito significativo para o teórico da *Biocrítica* — que adveio grande parte do papado literário de Chiacchio.

Outra forma de prestígio era a dos líderes intelectuais empreendedores. Um Teodoro Sampaio, apesar de sua origem humílima e, especialmente, um Bernardino de Souza — a quem a cidade ficou a dever os prédios do Instituto Histórico e da Faculdade de Direito — tiraram de sua vocação empreendedora grande parte do prestígio social que desfrutaram entre os intelectuais do tempo.

As figuras mais introvertidas de poetas intimistas e caladas como Artur de Sales ou Pedro Kilkerry ou, mesmo, de cientistas antes ocupados com a investigação solitária do que com a oratória das aulas e discursos igualmente grandiloqüentes, como um Pirajá da Silva, somente logravam vigência em círculos limitados de iniciados e, por vezes, nem isso. Uma exceção, talvez, possa ser encontrada em Xavier Marques, que, apesar de romancista e de temperamento menos expansivo e grandiloqüente (foi, entretanto, até deputado federal), gozou de um considerável prestígio intelectual, sendo, mesmo, considerado por Alexandre Passos como o "chefe da literatura" na Bahia (41).

Como sempre acontece, as vigências pessoas eram erigidas mais sobre as aparências do que sobre a real substância do valor das letras ou idéias do literato ou pensador. É o que nos revela Astério de Campos, aliás sem qualquer intenção crítica ou causticante, quando analisa o mito de Rui Barbosa e a maneira como ele se forma e se mantém:

"Rui Barbosa aqui é o pensador do século! O povo adora-o, celebra-o, por uma espécie de superstição gloriosa. Admira-o por tradição, não porque o tenha lido, não porque o tenha compreendido. Rui Barbosa, com sua vasta erudição, sua linguagem sabendo a classicismo, seus longos períodos seriados, sua alta filosofia, é um pensador inacessível à pouco instruída compreensão popular. Mas, de onde deriva sua popularidade? De seu renome, das luzes de seu extraordinário saber, projetadas, através das palavras dos oradores e periodistas, no seio da multidão. O povo apenas sabe que ele pensa, e por isso o adora, como adora o sol, porque ilumina..." (42).

Além das já mencionadas, outras fontes de prestígio intelectual indicadas por nossos informantes eram a virulência dos ataques

a outros intelectuais, não importando, no caso, o conhecimento de suas obras, declamar os próprios versos em tertúlias, saraus e salões, frequentes na época, e saber confeitar os discursos e artigos de citações eruditas nem sempre colhidas nas melhores ou mais diretas fontes. Também a direção de órgãos da imprensa e as ligações sociais foram causas de prestígios apontadas pelos informantes.

Tais critérios e a gratificação social e psicológica que o prestígio intelectual então representava, não poderiam evitar a proliferação de falsos prestígios. O fingir intelectual, coisa não muito difícil quando os critérios de êxito estão sobretudo fundados na aparência, tinha seu preço e seu lucro calculados. Embora os nossos informantes fossem, compreensivelmente, bastante reticentes sobre o tema um caso, porém, tornou-se tão notório, tendo sido objeto de polêmica que envolveu Chiacchio, Altamirando Requião e Presciliano Silva, (e no Rio, Luís Edmundo), que não se pode ser indiscreto ao mencioná-lo. É o escandaloso caso de Virgilio Maurício, que se fazia passar — com grande êxito — por pintor, assinando quadros pintados por outros... Um autêntico sinal dos tempos... Quando ser intelectual dava tanto prestígio, poderia haver alguém que utilizasse seus talentos de falsificador para passar por artista e merecer os títulos e as glórias da condição intelectual. Após o desenvolvimento, esses talentos poderiam ter — até honestamente — outras aplicações bem mais eficazes.

Aos críticos sociais da época tais falsificações não passaram desapercebidas. É o que se pode verificar nesse trecho do diário de Lulu Parola: "O que é preciso é que se tenha um tambor. O tambor é tudo na vida. O animal que lhe fornece a pele, se pensasse — e eu sei de muito animal que pensa que pensa —, não chegaria nunca a imaginar em que extraordinário préstimo serve ao homem. A questão é rufar. Se o tambor entende de avisar, como excelsas, as nulas qualidades intelectuais do peru, o peru, que só tem justa fama de superioridade quando escaldado, passará a ser um gênio, e acabará ele próprio por se convencer disto, e os outros é que são perus. Do seu sabor com verduras (esta sim! é a sua glória verdadeira), passará a engenhoso ouropel, que, talvez, no entanto, mais a vaidade lhe contente" (43).

8.2. — *Vigências-Instituições* — Sem a menor sombra de dúvida, a Faculdade de Medicina foi a instituição dominante de nossa vida intelectual no período, e bem antes dele. Como foi por quase um século a única instituição de ensino superior na província e arredores, é compreensível que para lá se dirigissem todos os jovens de talento e condição social capaz de elevá-los até o nível de um curso superior. É óbvio que para lá ocorreriam também aqueles de vocação intelectual menos científica e mais literária, oratória ou

filosófica, a menos que tivessem os meios necessários para manter-se em Recife ou S. Paulo, onde havia faculdades de Direito. Os que sofriam maior limitação econômica e não podiam deslocar-se da Cidade ou do Estado, levavam seu lirismo, sua grandiloqüência ou sua metafísica para os bancos escolares da faculdade do Terreiro, que, assim, se viu, desde cedo, transformada num centro cultural bem mais amplo do que seria razoável esperar de uma escola técnica, ainda que de médicos, que têm larga tradição de cultura geral, em particular literária, aqui como alhures.

Por tudo isso, a nossa Academia foi o forum cultural onde viriam à luz não somente — e talvez não tanto — a descoberta de novas verdades biológicas ou novas técnicas cirúrgicas e clínicas, mas também o pensamento filosófico, as idéias sociais, as análises antropológicas e criminológicas, o eruditismo filológico, tudo isso de permeio com muito discurso e muito verso, sobretudo muito verso declamado de permeio aos discursos como citação dos discursos.

Ao lado da Faculdade de Medicina, já em nosso período, a de Direito e a Politécnica começavam a diversificar as oportunidades locais de ensino superior, com o que passavam a gozar de um relativo prestígio intelectual, que sempre esteve longe de igualar o da faculdade do Terreiro de Jesus, que, por isso, inclusive, sempre era o local de reunião, até mesmo das atividades estudantis conjuntas, que envolviam o corpo discente das três escolas superiores.

O Instituto Histórico e, depois, a Academia de Letras da Bahia constituíram, em seu gênero, as instituições mais vigorosas e respeitáveis. Delas já nos ocupamos, como aliás, dos demais grupos litrários intitucionalizados, a propósito do grupalismo intelectual. Mas, do Instituto Histórico haveria ainda que mencionar um aspecto não oficialmente institucionalizado, mas de alta significação para a pesquisa historiográfica em nosso meio, que é a tertúlia informal dos fins de tarde, que até hoje ali reune alguns intelectuais da terra, onde têm a oportunidade de um convívio estimulante e que lhes permite trocar informações e impressões de leituras. Quer parecernos que, em matéria de formação de historiógrafos, essa foi a nossa grande escola informal de pesquisa histórica e gêneros aproximados.

A república-das-letras costuma, porém, conhecer instituições menos solenes e respeitáveis do que faculdades, institutos e academias. Entre elas estão as bancas dos cafés e as portas das livrarias.

A Bahia intelectual teve também seus cafés e livrarias, que foram autênticas vigências-instituição.

Entre os primeiros, já tivemos oportunidade de citar o *Café das Meninas*, na Ajuda, e o bar que se situava ao lado do Cinema

Guarani, à Praça Castro Alves, ambos pontos de reunião dos sucessivos grupos de Chiacchio.

O grupo de Viegas também tinha seu ponto. O Café Progresso recebia até a correspondência enviada para os integrantes do grupo.

Também tinham considerável significação intelectual o Café Bahia (depois Derby) à rua do Colégio; a pastelaria Perez, no Terreiro, onde se reuniam sobretudo estudantes de medicina; o Luso-Brasileiro; e o Teutônia, no alto da Ladeira da Montanha, ao lado da Praça Castro Alves (Largo do Teatro), ambiente em que também se destacavam o Hotel Paris e o Sul-Americano; também locais de reunião de intelectuais e boêmios. Aliás, em matéria de contactos intelectuais e boêmia, todo o Largo do Teatro era, no dizer de Estácio de Lima, uma verdadeira academia ao ar livre, pois ali circulavam, da noitinha à madrugada, as várias rodas de jornalistas, estudantes, intelectuais e boêmios, atraídos pelos diferentes bares e hotéis que então cercavam a praça.

Entre as livrarias, a Catilina, ao Comércio, cujo estoque era feito por indicação dos intelectuais que a frequentavam, e a Espanhola, à Rua do Colégio, do espanhol Paco, que teria sido colega de Unamuno em Salamanca e que, no dizer de Hélio Simões, "foi a nossa primeira universidade", pelo acesso que deu a obras estrangeiras importadas, sobretudo em língua espanhola. Vindo ou voltando da Faculdade de Medicina, era obrigatória uma parada na livraria de D. Paco.

Entre as editoras, há que destacar a Magalhães Reis e Cia, que publicava Clóvis Bevilaqua, a Dois Mundos, a Catilina, a Imprensa Oficial e a Escola de Artífices.

Entre os jornais, o *Diário da Bahia*, o *Diário de Notícia*, *A Tarde*, a *Gazeta do Povo*, *O Imparcial*, o *Correio do Brasil*, *O Norte*, *A Bahia*, *O Jornal de Notícias*, onde Lulu Parola, seu diretor, manteve por decênios a sua secção *Cantando e Rindo*.

Uma palavra há que ser dita sobre uma instituição não diretamente pertencente à república-das-letras no sentido estrito, mas a ela ligada por muitos laços — as repúblicas de estudantes. Muitos de nossos intelectuais ensaiaram seus primeiros passos nas letras e na oratória como membros de tais repúblicas estudantis. E eram elas, então, a par de local privilegiado do exercício da irreverente irresponsabilidade da condição estudantil como era então vivida, também um ambiente de consumo literário, graças, sobretudo, ao sistema mutualístico dos empréstimos de livros, que ali se usava.

8.3. — *Vigências-Idéia* — Eram mais ou menos as mesmas do resto do País as idéias vigentes na Bahia de começos do século. No plano literário, dominavam os padrões pré-modernistas de caráter ainda parnasiano e simbolista. A *Nova Cruzada* expressou, entre

nós, a vigência do Simbolismo. O Modernismo, chegando aqui com grande atraso, foi representado por dois grupos, o de Chiacchio e o de Viegas, cada qual exprimindo uma faceta mais ou menos equivocada das várias vertentes do Modernismo brasileiro.

Quanto aos autores estrangeiros mais em voga, parece que Victor Hugo, Zola e Anatole estavam entre os primeiros. Alguma influência de Danunzzio e de Tolstoi. Entre os portugueses, sobretudo Eça .

A guerra ideológica do século XX ainda não se havia instalado em nosso meio, o que somente iria começar após a revolução de 1930 ;por isso as ideologias políticas dominantes seriam formas mais ou menos conservadoras ou progressistas do liberalismo político e econômico. Mas parece ter sido de bom-tom um certo pessimismo conformado em relação ao Brasil e suas possibilidades de progresso. O seguinte trecho de Altamirando Requião é bastante representativo como estilo e como estado de espírito de nossos intelectuais em relação à República, que parecia constituir-se então numa espécie de sonho fenecido:

"Senhores: — Maldita a República que nos conduziu até aqui!

"Maldita, sim, com todas as suas deturpações odiosas, com todos os seus vícios lavrantes, com todas as misérias que a degradam, com todos os crimes que a infelicitam, com todas as malversações que a aviltam, com as chufas que a acanalham, com as ironias que a afrontam, com os despudores que a prostituem, e com as escoralhas que nos ficam desse fastim de incontinências, dessa bacanal de insaciabilidade, em que figuram congeries irremovíveis de cinismo, a que dão o nome de democracia brasileira" ([44]).

No terreno das idéias filosóficas, vigiam ainda as idéias naturalísticas que a "Escola do Recife", de Tobias e Sílvio, havia divulgado na Faculdade de Direito do Recife e que chegaram até nós por ex-alunos do Recife depois professores na Bahia, como é o caso de Leovigildo Filgueiras.

O monismo haeckeliano era uma vigência-idéia inegável. O filho de Virgílio de Lemos levou o nome de Haeckel, e as obras de Almachio Diniz expressavam, em nosso meio, uma versão do monismo haeckeliano bem próxima da de Fausto Cardoso, discípulo dissidente de Tobias, que não acompanhou o mestre na passagem de Haeckel a Noiré.

A essas idéias naturalistas, o pensamento tradicional, representado sobretudo pelos clérigos, opunha um sobrenaturalismo dogmático e pouco filosófico, o que contribuía para que o ambiente espiritual da província não lograsse elevar-se a um nível teorético sequer razoável.

Daí que não seja grande a messe de vigências-palavra dominantes no período. Claro que todo o jargão naturalista do monismo

tinha pleno curso com suas ontogêneses, filogênese, evolução, transformismo e quejandas, sempre acompanhadas da palavra *Ciência*, normalmente escrita com reverente e propagandística maiúscula, e do adjetivo *científico* pronunciado ou escrito com unção algo religiosa. Os simbolistas revalorizavam, aqui como alhures, o vocabulário místico-religioso e as palavras raras tão do seu agrado de nefelibatas, mas não havia — ou não logramos detectar — palavras vigentes que dessem a caracterização mais peculiar da Bahia intelectual de então. Ou se havia, eram aqueles neologismos ofensivos de que já tratamos a propósito de polêmicas, ou eram elementos da gíria estudantil e intelectual como a palavra *bonde* aplicada para designar os bate-papos dos grupos intelectualizados da Faculdade de Medicina, onde, aliás, os bondes faziam horário, parados por algum tempo e, pois, propiciando um salão ao ar livre à estudantada.

8.4. *Vigências-Modismo* — Cada época da vida intelectual desenvolve seus modismos, como ritos de uma complicada liturgia ou processualística destinada a conquistar, manter, rejeitar ou conceder o reconhecimento, transmitir e anular a condição intelectual. A Bahia da *Bèlle Époque* não faria exceção a essa regra.

Do que já explicitamos até aqui, fica patente o domínio da oratória — até nas aulas — e da declamação. Certo maneirismo peculiar a uma época que vivia a literatura como "sorriso da sociedade", haveria de florescer na prática insistente de trocadilhos, epigramas e paradoxos.

A literatice que dominou o País na época, e já desde os fins do século, também aqui se notaria, o verso tendo por isso podido ser um eficaz fator de comunicação, quando utilizado nas propagandas ,então chamadas de reclames. Artur de Sales e Roberto Correia fizeram versos como reclame de determinados produtos. O último foi o autor dos bem conhecidos versinhos do Rhum Creosotado, que era frequente encontrar ainda nos últimos bondes que circularam em Salvador. Hélio Simões confessa ter ganho algum dinheiro no reclame do Queijo Palmira, rimando queijo com beijo. Tudo isso só se pode explicar se temos em vista a significação que tinha a literatura e a vida intelectual para a sociedade de então. Hoje, o grande comunicador já não é mais o verso ou o nome de qualquer escritor, mas a figura dos grandes ídolos das multidões, criaturas, eles próprios, dos meios de comunicação e dos esportes industrializados.

Uma voga muito insistente na vida intelectual do tempo era o uso dos pseudônimos. Poucos intelectuais não tinham o seu. Prescilianoera Bailon; Chiacchio era Carlos; Aloiísio de Carvalho, Lulu Parola; Henrique Câncio ocultava-se sob o insuspeitável nome feminino de Maria Lúcia; Egas Moniz era Pethion de Villar como

poeta; Rafael Barbosa assinava-se Kodak nos jornais; Florêncio Santos era o cronista social Flosan; Simão de Mantua era o solene pseudônimo de Simões Filho; e Everaldo Cunha assinava Mauro Valdo. Segundo depoimento de Elpídio Bastos, Viegas atribuía pseudônimos aos seus liderados, como que realizando, seu batismo literário. Assim é que o próprio Elpídio Bastos era Fósculo Beltrão; Bráulio de Abreu, Bueno d'Alva e Zalnar de Carvalho, Guido Zuleico.

Intimamente ligada à voga dos pseudônimos, era a das colunas jornalísticas sob um rótulo constante. A de Altamirando Requião chamou-se "Penumbra"; a de Henrique Câncio, "Trechos"; a de Chiacchio, já referida, "Homens e Obras"; a de Lulu Parola, também já mencionada, "Cantando e Rindo"; a de Everaldo Cunha, "Filigranas".

Líderes intelectuais como Chiacchio costumavam comandar grandes movimentos literários e artísticos, que hoje chamaríamos de promoções. Exemplo disso foi o cortejo de intelectuais e outras pessoas carregando lírios até o cemitério quando do primeiro ano do falecimento da violinista Mercedes Rodamilans, junto de cujo túmulo, pétalas de rosas foram queimadas e houve recital de poesia...

São também tais promoções um sinal dos tempos, que no presente já não se poderia repetir, tanto são diversos os papéis que se têm atribuído então e agora à Literatura, às Artes e à vida intelectual como um conjunto.

Também um retrato da época foi a boêmia literária. No Rio, ela teve, no grupo retratado por Coelho Neto em *Fogo Fátuo,* o seu apogeu. Na Bahia, embora não tão brilhante nem tão festejada, ela teve também seus expoentes.

Já nos reportamos aos grupos literários reunidos em bares como o de Chiacchio, primeiro a lado do Guarani e depois no Café das Meninas, e o de Viegas, no Café Progresso, na Baixinha. O conjunto de bares e hotéis em torno do Largo do Teatro fervilhava de estudantes e intelectuais nas primeiras horas da noite, reduzindo-se muito o movimento mais tarde. Outros pontos, como a Confeitaria Chile e a Confeitaria Triunfo, também tinham sua roda de boêmios.

Alguns nomes se tornaram famosos: Henrique Câncio, gastrônomo extraordinário, Frederico Castro Rebelo, Álvaro Ruy, Afonso Ligouri de Macedo, Rodrigo de Aragão Gesteira, João Paulino Short, Joaquim Guaraná de Santana.

Alexandre Passos atribuía à revolução política de 1912 — o bombardeio — a transformação dos costumes locais que acabou por extinguir a boêmia literária e estudantil: "Não mais o literato boêmio dos cafés e das pastelarias, da gengibirra, dos mingaus e dos quitutes nos mercados e nos corredores misteriosos, pela madrugada,

ao violão; das ceias em casas ainda mais boêmias do que eles, sem deixarem, contudo, de aplaudir os versos, as crônicas, os contos e a boa pilhéria" ([45]).

Se não foi este o momento do fim da boêmia e das repúblicas que tanto apropiciavam, o certo é que, após 1930 e logo a seguir, a pacata e provinciana Cidade do Salvador foi lentamente cedendo o lugar a uma moderna metrópole, marcada em tudo pela atividade febril da forma peculiar de vida da sociedade industrial. Os costumes haveriam de mudar-se e, com eles, também a vida intelectual. Outros mitos, outros prestígios — alguns falsos prestígios —, outras vigências tomaram o lugar das antigas vigências, outros modismos substituíram os de então, como que a confirmar a evidência de que a vida intelectual é em tudo solidária à única e efetiva existência que nos é dado viver, e essa tem, como hoje se sabe, no social, uma de suas dimensões essenciais, já que o viver do homem é um conviver, e a sua existência a uma coexistência.

A. L. MACHADO NETO

1 Para uma discussão metodológica acerca das possibilidades de aplicar-se tal metodologia empírica à Sociologia do Conhecimento, em particular nesse seu ramo que bem pode ser titulado como Sociologia da Vida Intelectual, cfr. o capítulo primeiro, "Introdução metodológica", dessa tese, p. 1 a 30.

2 Imposição de justiça nos obriga aqui a declinar os nomes dos autores e respectivos trabalhos, embora a grande maioria permaneça, injustamente, inédita: Isa Maria Drummond Simões — *O Grupo de Arco e Flexa*. Tereza Leal Pereira — *As Vigência-Palavra nos Cantadores "Científicos" do Nordeste*. Eugênia Lúcia Viana Nery — *Para uma Biografia Sociológica de Capistrano de Abreu*. Mário Augusto da Silva Santos — *Pedro Calmon — (um estudo de caso)*. Cristina Maria Teixeira Campello — *O Poeta Popular Leandro Gomes de Barros*. Lídia Avelar Estanislau — *Simões Filho — uma vigência intelectual baiana (projeto)*. Amadeu Jorge Feliciano — *O Padre Luiz Gonzaga Cabral no Meio Intelectual Baiano*. Consuelo N. Soares de Quadros — *Homero Pires — Sociologia de uma Vida Intelectual*. Maristella Said — *Lulu Parola como vigência*. Ronaldo de Salles Senna — *Floro Bartolomeu — Sociologia de sua vida intelectual*. Lycia Margarida Dórea Guedes — *Inácio da Catingueira e Francisco Romano Teixeira de Caluete — (uma polêmica de poetas populares)*. Dinorah Berbet de Castro — *Virgílio de Lemos — Um estudo de Sociologia da Vida Intelectual*. *Cipriano Carlos Luckesi — Jackson de Figueiredo — contribuição à sua biografia sociológica*. Alírio Fernando Barbosa de Souza — *Gumersindo Bessa — um estudo de caso*. *Maria José de Souza — Florentino Menezes*

— *O Sociólogo Esquecido*. Lycia Margarida Dórea Guedes — *Três intelectuais do Período: Presciliano Silva, Durval de Moraes e Hermano Santana*. Ronaldo de Salles Senna — *Afrânio Peixoto — Vigência-pessoa*. Tereza Leal Gonçalves Pereira — *Três Homens de Letras e suas circunstâncias — Epaminondas Berbet de Castro, Ernesto Carneiro Ribeiro e Christiano Müller*. Marília Maia Muricy — *Carlos Ribeiro — Sociologia de uma Vida Intelectual*. Cristina Maria Teixeira Campello — *Pinheiro Viegas e a "Academia dos Rebeldes"* (Nota Edit. — publicado em *Universitas n.º 10)*. Maristella Said — *João da Silva Campos e Anísio Melhor — Dois Folcloristas na Vida Intelectual*. Walney Moraes Sarmento — *Anfrísia Santiago — Contribuição ao Estudo da Vida Intelectual* (Nota Edit. — publicado neste número de *Universitas*). Lidia Avelar Estanislau — *Sociologia da Vida Intelectual Baiana — Simões Filho, um exemplo*. Alírio Fernando Barbosa de Souza — *Isaias Alves e Anísio Teixeira — Dois pedagogos na Vida Intelectual da Bahia* (*projeto*). Isa Maria Drummond Simões — *Três Figuras Literárias da Bahia: Arthur de Salles, Carlos Chiachio e Roberto Correia* (Publicado pelo Centro de Estudos Baianos — Caderno n.º 67; agosto de 1971). Eugênia Lúcia Viana Nery — *O Status do Historiador como Intelectual*. Amadeu Jorge Feliciano — *Presença Portuguesa no Meio Intelectual Baiano* (projeto). Maria José de Souza — *A Reação da Intelectualidade Baiana ao Tratamento Científico do Tema do Negro* (*Nina Rodrigues, Manoel Querino, Arthur Ramos*) — Cipriano Carlos Luckesi — *A polêmica Religiosa na Bahia dos Inícios do Século*.

3 Para maiores especificações a respeito dessa metodologia original que consiste praticamente em realizar "entrevistas" com autores mortos (sem qualquer apelo ao espiritismo, já se vê...) cf. o capítulo daquela tese citado à nota 1. Também valem aqui as formulações relativas ao universo da pesquisa e às limitações da metodologia quantitativa ao aplicar-se ao nosso tema.

É a seguinte a *nomina* dos oitenta intelectuais do período (com os números que substituem os seus nomes nos quadros), cujas biografias foram estudadas mais detidamente, constituindo as fontes primaciais de nossos dados:

1. Braz do Amaral 2. Ana Autran 3. Ruy Barbosa 4. Ana Bittencourt 5. Elpídio Bastos 6. Sílio Bocanera Jr. 7. Borges dos Reis 8. Pedro Barbuda 9. Felinto Bastos 10. Epaminondas Berbet de Castro 11. Alfredo Brito 12. Castro Rebello (Afonso) 13. Aloísio de Carvalho (Lulu Parola) 14. Philomeno Cruz 15. Frederico Castro Rebello 16. Pe. Cabral 17. Pedro Calmon 18. Helvécio Carneiro Ribeiro 19. Galdino de Castro 20. Anísio Circundes 21. Afonso Costa 22. Carneiro Ribeiro 23. Astério de Campos 24. Almachio Diniz 25. Urbano Duarte 26. Pedro Kilkerry 27. Lopes Rodrigues 28. Arlindo Fragoso 29. Oscar Freire 30. Anselmo da Fonseca 31. Cosme de Farias 32. Adelaide C. Alves Guimarães 33. Cassiano da França Gomes 34. Alexandre Góes 35. Aristóteles Gomes 36. Antônio Moniz 37. Otávio Mangabeira 38. Gonçalo Moniz 39. Xavier Marques 40. Cristiano Muller 41. Anísio Melhor 42. Francisco Mangabeira 43. Medeiros Neto 44. Durval de Moraes 45. Afrânio Peixoto 46. Homero Pires 47. Manoel Vitorino Pereira 48. Pethion de Villar 49. Prado Valadares 50. Pinheiro Viegas 51. Pinto de Carvalho 52. José Petitinga 53. Manoel Querino 54. Eduardo Ramos 55. Amélia Rodrigues 56. Carlos Ribeiro 57. Artur Ramos 58. Nina Rodrigues 59. J.J. Seabra 60. Bernardino de Souza 61. Mons. Apio Silva 62. Oséas dos Santos 63. Teodoro Sampaio 64. Castelar Sampaio 65. Silva Campos 66. Anfrísia Santiago 67. Hermano Santana 68. Ernesto Simões Filho 69. Presciliano Silva 70. Anísio Teixeira 71. Monsenhor Elpídio Tapiranga 72. Karlos Weber 73. César Zama 74. Artur de Salles 75. Carlos Chiacchio 76. Roberto Correia 77. Alberto de Assis 78. Afonso Ruy 79. Virgílio de Lemos 80. Deraldo Dias.

4 Depoimento escrito de Alexandre Passos. Refere-se à segunda década do século, exatamente esse período que inclui a modernização de Seabra (1912) e é também a época em que se funda a Academia de Letras da Bahia (1917).

[5] Não é aqui o local apropriado para sequer esboçarmos uma justificação teorética da significação da estrutura das gerações — até mesmo como uma forma sutil de estratificação social — para o correto entendimento de qualquer interrelacionamento humano, e, em particular, intelectual. A respeito, cf. a tese citada, capítulo II, especialmente p. 23-39, e também o nosso *Teoria do direito e sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1965, no capítulo referente à "Estratificação social e Direito".

[6] Cf. a respeito, Sampaio, Nelson de Souza. O diálogo democrático na Bahia. *Rev. bras. de est. políticos*. Belo Horizonte, UFMG.

[7] Quase exceções a essa regra são alguns diretores de jornais como Simões Filho, que reunia em seu jornal jovens talentos da época ou homens do comércio como Costa Pinto o Otávio Machado os quais, segundo o depoimento experimentado da Viúva Presciliano Silva, filha de Gonçalo Moniz, iniciaram na Bahia o hábito de ... comprar quadros ...

[8] O Professor Pedro Calmon, respondendo a pergunta nossa sobre os tipos intelectuais da Bahia de então, produziu espontaneamente a seguinte tipologia que bem merece aqui relatada.

a) — O Orador Parlamentar (Ruy e os Mangabeira)
b) — O Orador Popular (Cosme de Faria, Wenceslau Guimarães)
c) — O Orador Sacro (Paiva Marques, Pe. Cabral, Basílio Pereira, Monsenhor Tapiranga).
d) — O Polemista (Prado Valadares, Luís Anselmo da Fonseca)
e) — O Jornalista (Simões Filho, Torquato Bahia, Artur Ferreira)
f) — O Médico-Beletrista (Aristides Novis, Pethion de Vilar, Clementino Fraga, Afrânio Peixoto).
g) — O "Livre Pensador" — (Virgílio de Lemos, Almachio Diniz)
h) — O Homem de Letras — (Carlos Chiacchio, Artur de Sales)
i) — O Professor-Humanista (Hermano Santana, Deraldo Dias)
j) — O Intelectual-Líder (Bernardino de Souza)
k) — O Artista (Presciliano Silva, Manuel Augusto, De Vecchi, Sílvio Deolindo Fróes)
l) — O Epigramista (Pinheiro Viegas)

[9] Carvalho, Aloysio de (Lulu Parola). *Meu caderno. Bahia*, s.d. p. 59. (diário do ano de 1918, originariamente publicado em jornal).

[10] Ibid., p. 18.

[11] Frase anotada pelo A. na entrevista oral que manteve com o poeta Elpídio Bastos, um de nossos mais prestimosos informantes.

[12] França, Acácio. *Escorcha de um cabotino; crítica e linguagens*. Bahia, 1923. p. 137.

[13] Diniz, Almachio. *A cultura literária da Bahia contemporânea*. Bahia, 1911. p. 51.

[14] Valdemar de Oliveira, que foi um de tais estudantes, assim se refere à Bahia no capítulo sugestivamente titulado de "Doce Coimbra da minha mocidade", em seu livro de memórias *Mundo submerso*. Recife, Imp. Oficial, 1966.

[15] Diniz, op. cit., p. 64-65.

[16] Cf. Passos, Alexandre. *Letras baianas*. Rio de Janeiro, Pongetti. 1940. p. 26-27.

[17] Ibid., p. 25.

[18] Campos, Astério de. *Vários escriptos, 1911-1916*. Bahia, Imp. Oficial, s.d. p. 31.

[19] Ibid., p. 38-39.

[20] Carvalho, Pinto de. Cultura, 1912. *A tarde*. Salvador, 15 out. 1962. p. 25. E ainda: "Porque, como afirmei, foi sempre a imprensa diária o refúgio dos que procuravam terçar armas no terreno do requinte intelectual, particularmente da

literatura, da filosofia, das discussões sociais e religiosas. Daí a importância máxima do jornalismo no expandir das lutas na Bahia" (Ibid.)

21 O depoimento é também de Pinto de Carvalho, no mesmo artigo de jornal: "É típico isso: um homem de alto nível intelectual e de sólida erudição como Virgílio de Lemos, o incomparável escritor e jornalista, que deixou como espólio da sua inteligência e dos seus conhecimentos, senão o que gravou nas fulgurantes páginas do que flamejou em trabalhos jornalísticos? Como esse, muitos outros." (Ibid.)

22 Carvalho, Aloysio de, op. cit., p. 27.

23 França, op. cit., p. 154.

24 Requião, Altamirando. *Consciência e liberdade; crítica poligráfica*. Bahia, Liv. Dois Mundos, 1922. p. 74.

25 Torres, Carlos. *Vultos, fatos e coisas da Bahia*. Bahia, 1951. p. 186.

26 Ibid., p. 180.

27 Viegas, Pinheiro. Carta aberta (a Germano de Oliveira a propósito de sua novela "Vítima do amor"). Artigo de jornal, sem data, da coleção Elpídio Bastos.

28 Campos, op. cit., p. 36.

29 Oliveira, Valdemar de. *Mundo submerso*. Recife, Imp. Oficial, 1966. p. 167-169. Também dessa obra a citação anterior do A. (Ibid., p. 167). Outros interessantes depoimentos sobre esse primeiro grupo de Chiacchio, in Lima, Herman. *Poeira do tempo; memórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967. p. 204, 209, 210, 318.

30 "*Arco e Flexa* não tem nem aceita o patrocínio de outra sociedade qualquer de artes e letras, que não seja *Távola*"... Apud Simões, Isa Maria D. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador, Cent. de Est. Baianos, 1971. p. 12.

31 Referimo-nos à dissertação de mestrado da Prof.ª Cecília de Lara, *A nova cruzada*. São Paulo, Inst. de Est. Bras., USP, 1971. Como bolsista da USP, a autora estagiou durante o ano letivo de 1969 no Mestrado em Ciências Humanas da UFB.ª para realizar aqui o Curso Interdisciplinar sobre o Recôncavo, mantido em convênio pelas duas universidades, opirtunidade em que coletou o material dessa pesquisa, sob a orientação do Prof. José Aderaldo Castello coordenador, pela USP, daquela realização cultural.

32 Passos, op. cit., p. 18-19.

33 Diniz, op. cit., p. 62.

34 Ibid., p. 63-64. Também contemporâneo da *Nova Cruzada* no início do período era o Grêmio Literário da Bahia, fundado em 1860 e que concluiu suas atividades por volta de 1904.

35 Ibid., p. 64.

36 Passos, op. cit., 23-24.

37 Diniz, op. cit., p. 61.

38 Chiachio, Carlos. *Os gryphos*. Bahia, Liv. Economica, 1923. p. 6.

39 Acácio França x Altamirando Requião; Chiachio x Altamirando Requião; este x Pe. Ricardo Pereira; ainda o mesmo contra o Arcebispo D. Augusto (mais uma campanha que uma polêmica); Prado Valladares x Marques dos Reis; Prado Valladares x Fróes; Valladares x Otávio Torres; Virgílio de Lemos x Albuquerque Libório; Rui Barbosa x Carneiro Ribeiro; Chiacchio x Gonçalo Moniz; P. Valadares x Clementino Fraga; Pinto de Carvalho x Pe. Basílio Pereira; Nogueira Passos x Luís Anselmo da Fonseca; Edgar Sanches x Luis Anselmo da Fonseca; Virgílio de Lemos x Pe. Basílio Pereira; Virgílio de Lemos x Altamirando Requião; Luís Anselmo da Fonseca x Álvaro de Carvalho; Gonçalo Moniz x Júlio Barbuda; Pe. Júlio Maria x Virgílio de Lemos; Chiacchio x Prado Valadares; Adeodato Silva x Martagão Gesteira; (médicos disputando sobre o significado de orelha e

ouvido); Virgílio de Lemos x Pe. Ângelo Bruno; Alexandre Góes x Pe. João de Barros; Chiacchio x Hélio Sodré.

40 Oliveira, op. cit., p. 158.

41 Passos, op. cit., p. 22.

42 Campos, op. cit., p. 37.

43 Carvalho, Aloysio de, op. cit., p. 165-6.

44 Requião, op. cit., p. 33.

45 Passos, op. cit., p. 21.

LOCAL DE NASCIMENTO

										10										20										30										40										50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Alcobaça																																												x																																				
Amargosa																	x						x																													x																														
Cachoeira																																																																				x			x									
Caitité																																																																						x			x							
Catu|																																|x|																																															
F. Santana|							|x|																																																																								
Ilhéus										x																																																																							
Itaparica																						x													x				x																																											
Itapicuru|			|x|																																																																												
Ituassu																																													x																																				
Jacobina																					x																																																												
Lençóis																									x																				x																																					
Maragogipe																																												x																																				
Nazaré																																																															x																
Salvador	x	x	x		x	x		x				x	x	x	x			x	x					x					x		x		x				x	x		x		x					x	x		x	x			x		x			x							x			x					x		x	x	x		x
Sto. Amaro							x													x								x		x																			x				x		x								x		x															
S. Anto. Jesus																										x																																			x																			
Alagoas																																																									x																							x	
Maranhão																																																										x																						
Minas																																																																												x					
S. Paulo																																																																		x														
Sergipe																																																												x		x																		
Portugal|														|x|																																																																	

LOCAL DE FALECIMENTO

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Salvador	x					x	x	x	x	x	x		x	x	x	x		x				x				x	x			x				x	x			x	x	x
Maranhão																																								
Rio			x																		x			x	x			x								x	x			
S. Paulo																			x										x											
Paris																																								

										50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Itaberaba			x																																					
Salvador	x							x		x	x	x	x		x	x						x			x	x	x	x			x			x	x	x	x	x	x	x
Maranhão		x																																						
Rio				x	x	x	x		x										x	x			x						x	x			x							
Paris																x	x																							

LOCAL DE FALECIMENTO

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Salvador	x					x	x	x	x	x	x		x	x	x	x		x				x				x	x			x				x	x			x	x	x
Maranhão																																								
Rio			x																		x			x	x			x								x	x			
S. Paulo																			x										x											
Paris																																								

										50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Itaberaba			x																																					
Salvador	x							x		x	x	x	x		x	x						x			x	x	x	x			x			x	x	x	x	x	x	x
Maranhão		x																																						
Rio				x	x	x	x		x										x	x			x						x	x			x							
Paris																	x	x																						

LOCAL DE FALECIMENTO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Salvador	x					x	x	x	x
Maranhão									
Rio			x						
S. Paulo									
Paris									

	10									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Salvador	x	x		x	x	x	x		x	
Maranhão										
Rio										
S. Paulo										x
Paris										

	20									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Salvador			x				x	x		
Maranhão										
Rio		x			x	x			x	
S. Paulo										x
Paris										

	30										40
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Salvador	x				x	x			x	x	x
Maranhão											
Rio							x	x			
S. Paulo											
Paris											

	40								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Itaberaba			x						
Salvador	x							x	
Maranhão		x							
Rio				x	x	x	x		x
Paris									

	50									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Itaberaba										
Salvador	x	x	x	x		x	x			
Maranhão										
Rio										x
Paris								x	x	

	60									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Itaberaba										
Salvador			x			x	x	x	x	
Maranhão										
Rio	x			x						x
Paris										

	70										80
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Itaberaba											
Salvador		x			x	x	x	x	x	x	x
Maranhão											
Rio	x			x							
Paris											

LOCAL ONDE VIVEU

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5		7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Rio			x														x						x	x	x			x												
Salvador	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x				x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

	40									50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Nazaré	x																																							
Salvador			x	x		x		x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Maranhão		x																																						
Rio					x		x							x																x										

ATIVIDADE INTELECTUAL

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Monógrafos (1)				4	3				•		M		2	•	•										4	3	P		M		3	Po	F		3				5	
Polígrafos (2)	2	2	3			3	4	4		5		3				6	4	2	2	2	3	4	4	9				7		3				4		2	3	3		3

	40									50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Monógrafos	6	2		Po						3					4						R	P						J	P					2		3				
Polígrafos			2		6	3	2	4	2		3	3	3	2		2	3	4	2	3			4	6	2	2	4			3	2	2	2		4		2	2	4	4

(1) O número é de gêneros, dentro da literatura, que foram cultivados pelo escritor.
(2) O número é de campos do conhecimento cultivados pelo escritor.

LEGENDA

- • — Monógrafo, porém, do qual se tem notícia de haver cultivado Letras ou Artes.
- M — Medicina
- P — Pintura
- Po — Poesia
- R — Religião
- F — Filologia
- J — Jornalismo

LOCALIZAÇÃO DA ATIVIDADE INTELECTUAL

Editores ou exposições

										10									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Alagoinhas				x															
Ilheus										x									
Nazaré																			
Salvador	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x		x	x	x	x
Amazonas																			
Pernambuco																			
Porto Alegre																			
Rio			x		x		x										x		x
S. Paulo																	x		
Sergipe																			
A. Latina																			
E.E.U.U.																			
Europa																	x		
Paris																x			
Portugal	x	x														x			

	20										30									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Alagoinhas																				
Ilheus																				
Nazaré																				
Salvador	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Amazonas																				
Pernambuco							x													
Porto Alegre																				
Rio		x		x	x	x							x		x				x	x
S. Paulo													x							
Sergipe																				
A. Latina																				x
E.E.U.U.																				
Europa		x																		
Paris								x												x
Portugal					x															

	40										50									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Alagoinhas																				
Ilheus																				
Nazaré		x																		
Salvador	x		x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Amazonas			x																	
Pernambuco																				
Porto Alegre																				
Rio				x	x	x	x	x					x	x	x	x		x	x	
S. Paulo																			x	
Sergipe																				
A. Latina						x														
E.E.U.U.																				
Europa						x														
Paris						x			x									x	x	
Portugal			x						x							x				

	60										70										80
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Alagoinhas																					
Ilheus																					
Nazaré																					
Salvador	x	x	x	x		x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	
Amazonas																					
Pernambuco	x		x							x			x								
Porto Alegre															x						
Rio	x		x	x		x				x	x				x						
S. Paulo	x		x							x	x				x						
Sergipe			x																		
A. Latina																					
E.E.U.U.											x										
Europa																					
Paris										x											
Portugal																					

VIAGENS REALIZADAS

										10										20										30									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Alagoas																																							
Amazonas																																							
Fortaleza																																							
Maranhão																x																							
Minas																																							
Pernambuco			x		x				x			x				x																							
Rio	x	x	x		x	x		x					x			x													x				x	x				x	
R. G. Norte																																							
S. Paulo			x						x							x			x															x				x	
Sergipe								x																															
A. Latina			x		x												x																						
E.E.U.U.																																						x	
Europa			x								x					x	x			x							x											x	
Paris																											x												
Portugal	::															x												x											

	40										50										60										70										80
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Alagoas																							x										x								
Amazonas																										x															
Fortaleza																																x	x								
Maranhão														x																			x								
Minas																					x					x							x								
Pernambuco									x					x	x					x	x		x					x		x			x								
Rio	x			x					x		x	x	x	x	x	x	x	x	x				x			x	x	x	x				x				x			x	x
R. G. Norte																										x							x								
S. Paulo					x				x		x							x					x	x			x			x			x							x	
Sergipe																							x										x								
A. Latina				x		x		x	x																																
E.E.U.U.				x		x												x														x									
Europa	x			x		x		x	x	x												x							x	x	x										
Paris	x											x										x							x	x											
Portugal																																							x		

PROFISSÃO PATERNA

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Advogado																													x											
Arquiteto					x																																			
Chefe Político												x		x																										
Classe Alta																												x												
Classe Baixa																																	x							
Classe Média																																								
Capangueiro																																								
Cat. Medicina																																						x		
Comendador						x																																		
Comerciante							x	x	x				x				x				x										x									
Comerciário																										x														
Desembargador																				x																				
Dono de Saveiro																																							x	
Educador																																								
Farmacêutico																								x													x			
Fazendeiro										x													x		x							x		x						
Func. Público																																			x					
Lente Esc. Normal																																								
Maestro																																								
Magistrado																																								
Marceneiro																																								
Médico			x															x																						
Militar	x																																							
Pe. Capelão																																								
Pintor															x												x													
Proprietário		x																																						
Sr. Engenho				x																																				
Serv. da Justiça																						x																		
Vice-Almirante																																				x				

										50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Advogado								x																																
Arquiteto																																								
Chefe Político																																								
Classe Alta																		x																						
Classe Baixa									x										x			x									x									
Classe Média															x																									
Capangueiro					x																																			
Cat. Medicina																																								
Comendador																																								
Comerciante	x															x					x													x	x				x	x
Comerciário																										x														
Desembargador														x																										
Dono de Saveiro																																								
Educador											x																													
Farmacêutico		x																																						
Fazendeiro			x			x						x								x										x										
Func. Público																																						x		
Lente Esc. Normal													x																											
Maestro																																x								
Magistrado																								x																
Marceneiro							x																																	
Médico																									x		x						x							
Militar																																								
Pe. Capelão																							x																	
Pintor																																								
Proprietário																																								
Sr. Engenho																																								
Serv. da Justiça																																								
Vice-Almirante																																								

PROFISSÃO MATERNA

										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Doméstica	x		x	x	x					x					x									x							x			x	x					
Viúva pobre																																	x							

	40									50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Classe Alta																				x																				
Doméstica	x	x	x		x	x		x				x				x					x				x	x	x		x					x	x				x	x
Escrava																							x																	
Viúva pobre																						x																		

PROFISSÕES EXERCIDAS E EDUCAÇÃO FORMAL

Profissões										10										20										30										40
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Jornalismo (*)		•	x		x	x		•		•			x				x		•	•	x		•	x	x	•		x		•	x				x		•		x	
Magistério	x						x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x		x	x	x		x	x	x	x	x			x	x			x	x	x	x
Função Pública					x	x			x	x		x			x		x				x		x	x	x	x		x	x	x				x	x	x			x	
Prof. Liberais			D								M			M					M	M			D	D		D	P	E		M	D			E		D				
Uma só								x										x				x											x							x
Ativ. Política	x		x				x					x	x				x		·									x			x					x	x		x	
Negócios							x																											x						
Ed. Formal	M	d	D	d	s	E	p	M	D	D	M	D	E	M	B	S	D	A	M	M	p	M	D	D	m	D	B	E	M	M	p	p	N	E	D	D	E	M	N	S

Profissões	40									50										60										70										80
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
Jornalismo	•	•	•	•	•	•	•	•	•	x	x	•		•	•	x					•			x			•	x				x	•	•	x	•		•	x	•
Magistério	x			x	x	x	x	x	x		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x		x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x
Função Pública	x	x			x	x						x	x			x	x			x			x		x					x					x	x	x	x	x	x
Prof. Liberais		M	D	F	M		M				M					D	M	N			Pe	P	E		E				P		Pe									M
Ativ. Política			x		x	x	x	x						x		x			x				x					x					x							
Uma só																																								
Negócios																														x		x								
Ed. Formal	p	M	D	F	M	D	M	N	M	s	M	a	B	D	N	D	M	M	D	D	S	B	E	D	E	p	M	D	B	D	S	p		N	M	N	D	D	D	M

(*) Os marcados com um ponto não tiveram o jornalismo como profissão, embora o praticassem com maior ou menor regularidade.

LEGENDA

M — Medicina
d — ed. a domicílio
D — Direito
s — secundário
E — Engenharia
p — primário
B — B. Artes
S — Sacerdote
A — Agronomia
m — militar
N — Normal
F — Farmácia
a — auto didata
P — Pintura
Pe — Padre